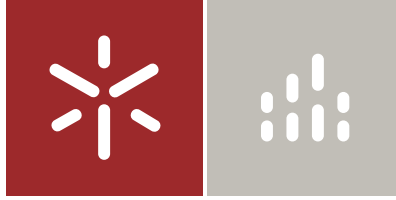




Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

Elsa Cristiana Alves Gonçalves

Sobre a Imagem da Cidade de Braga:
Do Mapa ao Google Earth, do Bilhete-postal
ao Instagram



Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

Elsa Cristiana Alves Gonçalves

Sobre a Imagem da Cidade de Braga:
Do Mapa ao Google Earth, do Bilhete-postal
ao Instagram

Dissertação de Mestrado
Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao
Grau de Mestre em Arquitectura
Área de especialização: Cidade e Território

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor Pedro Jorge Monteiro Bandeira
Professor Doutor João Ricardo Rosmaninho Duarte
Silva

Declaração

Nome: Elsa Cristiana Alves Gonçalves

Endereço eletrónico: elsagoncalves.27@gmail.com

Telemóvel: 916820666

Número do Cartão do Cidadão: 14546336

Título da dissertação:

Sobre a Imagem da Cidade de Braga:

Do Mapa ao *Google Earth*, do Bilhete-postal ao *Instagram*.

Equipa de orientação:

Professor Doutor Pedro Jorge Monteiro Bandeira

Professor Doutor João Ricardo Rosmaninho Duarte Silva

Ano de conclusão: 2019

Designação do Mestrado: Cidade e Território

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, 30/ 04/ 2019

Assinatura:

Agradecimentos

Aqui deixo o meu agradecimento a todos aqueles que tornaram este trabalho possível.

Ao professor Pedro Bandeira e ao professor João Rosmaninho, por terem aceite este desafio, um especial agradecimento pela disponibilidade, pela motivação e pelas opiniões e ideias que foram dando ao longo deste trabalho, e que foram fundamentais para o desenvolvimento do mesmo.

Aos meus pais, por me proporcionarem a realização de um sonho, por todo o apoio que me deram ao longo destes anos, desde o momento que decidi que me queria formar em Arquitetura até então, por acreditarem e darem força todos os dias e, por me terem feito companhia em algumas das noites mais cansativas que este curso proporcionou.

À restante família, por todo o apoio, ajuda, motivação e compreensão ao longo destes anos.

Aos meus amigos, de longa data por me acompanharem nesta caminhada, por me apoiarem nas minhas decisões, por toda a confiança e ajuda disponibilizada e, por compreenderem as minhas ausências nos momentos das entregas. Um particular obrigada à Joana, Patrícia, Helena, Terra e Rui.

A todos os colegas de turma, pela amizade e bons momentos passados juntos durante cinco anos. Um especial obrigada à Tatiana, Inês, e Vânia, pelo particular companheirismo nos bons e maus momentos.

A todos os outros omissos...

Um bem-haja a todos, pela paciência e colaboração.

A presente dissertação procura analisar a imagem da Cidade de Braga, tendo em conta a sua morfologia rural e urbana, e ainda o seu património edificado. Com maior ou menor presença no nosso “arquivo” arquitetónico, o objetivo é analisar a arquitetura a partir de dois elementos, o do mapa e o do bilhete-postal, e fazê-lo perante uma contemporaneidade digital.

De certo modo, a cartografia e a fotografia (os dois elementos que assistem o mapa e o bilhete-postal, respetivamente) parecem ser os elementos mais destacados quando pensamos na imagem de uma cidade, e que nos levam a ver e a imaginar uma possível realidade, seja ela presencial/tangível ou virtual/digital.

Os mapas surgem como representações e gravuras de um território, em que através deles contemos uma imagem mais aproximada ou uma proposta de uma região ou localidade por eles planificada. Já o bilhete-postal ilustrado surge após os modelos de reprodução de imagem ganharem relevância e acessibilidade; emergindo como o reflexo da observação e interpretação dos espaços fotografados.

Nesta investigação, analisamos a presença de elementos emblemáticos, arquitetónicos e patrimoniais da cidade de Braga nos mapas e nos bilhetes-postais, e verificamos como estes alteram e refletem a perceção da imagem de uma cidade, interferindo com o seu reconhecimento, desde o Mapa de Braunio (1594) até ao Mapa turístico de Braga (2018), bem como do património/imóvel classificado desde 1900 a 2018.

Pretende-se, por fim, complementar a leitura do olhar atual sobre a imagem da cidade de Braga através destes dois elementos, entendendo as suas características de representação assim como a evolução da imagem, tendo em conta a evolução dos tempos e o uso predominante das tecnologias digitais (como o *Google Earth* e o *Instagram*).

This dissertation seeks to analyze the image of the City of Braga, taking into account its rural and urban morphology, and also its built heritage. With more or less presence in our architectural "archive", the objective is to analyze the architecture from two elements, the map and the postcard ticket, and do so in a digital contemporaneity.

In a way, cartography and photography (the two elements that assist the map and the postcard, respectively) seem to be the most prominent elements when we think about the image of a city, and that lead us to see and imagine a possible reality, whether it is presence / tangible or virtual / digital.

The maps appear as representations and engravings of a territory, through them we contain a closer image or a proposal of a region or locality planned by them. On the other hand, the illustrated postcard appears after the models of image reproduction gain relevance and accessibility; emerging as the reflection of the observation and interpretation of the photographed spaces.

In this research, we analyze the presence of emblematic, architectural and heritage elements of the city of Braga in maps and postcards, and we verify how these alter and reflect the perception of the image of a city, interfering with its recognition, from the Map of Braunio (1594) to the Tourist Map of Braga (2018), as well as the heritage / property classified from 1900 to 2018.

Finally, it is intended to complement the reading of the current view on the image of the city of Braga through these two elements, understanding its representation characteristics as well as the evolution of the image, taking into account the evolution of time and the predominant use of digital technologies (such as Google Earth and Instagram).

Introdução	1
Estado da Arte	6
<i>Primeira parte</i>	
Capítulo 1. OS MAPAS DA CIDADE DE BRAGA (de 1594 a 2018)	8

CARTOGRAFIA	12
<i>Contexto</i>	16
<i>Sub-capítulo 1.1</i>	
Plano	22
<i>Sub-capítulo 1.2</i>	
Topografia/ Superfície	30
<i>Sub-capítulo 1.3</i>	
Elementos Marcantes	34
<i>Sub-capítulo 1.4</i>	
Legenda/Orientação	38
<i>Sub-capítulo 1.5</i>	
Desenho/Gravação/Impressão	44
Capítulo 2. OS BILHETES-POSTAIS DA CIDADE DE BRAGA (de 1900 a 2018)	48

FOTOGRAFIA	52
<i>Contexto</i>	58
<i>Sub-capítulo 2.1 e 2.2</i>	
Perspetiva	60
<i>Sub-capítulo 2.3</i>	
Elementos Marcantes	66
<i>Sub-capítulo 2.4</i>	
Legenda/Orientação	70
<i>Sub-capítulo 2.5</i>	
Impressão	76

Segunda parte

Capítulo 3. A IMAGEM DA CIDADE DE BRAGA (em 2019) 80

GOOGLE EARTH + INSTAGRAM 84

Contexto 88

Sub-capítulo 3.1

Limite 90

Sub-capítulo 3.2

Escala 94

Sub-capítulo 3.3

Elementos Marcantes 98

Sub-capítulo 3.4

Legenda/Orientação 102

Sub-capítulo 3.5

Edição 106

Conclusão 110

Referências 114

Anexos 120

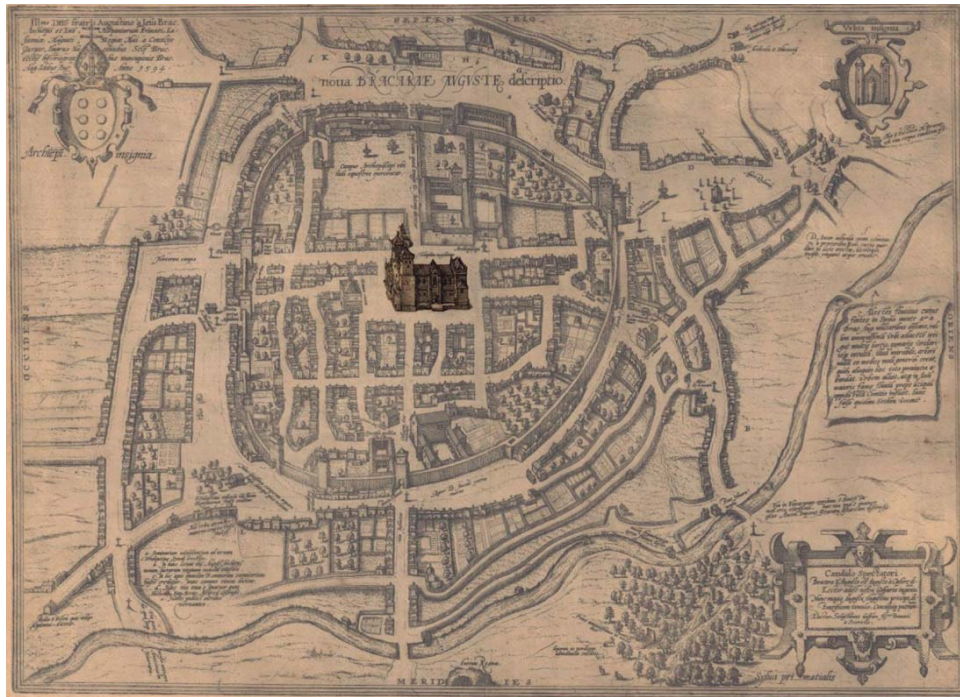


Figura 1- Sobre a Imagem Cartográfica da Cidade de Braga (montagem de Elsa Gonçalves), a partir do *Mapa de Braunio* (1594) de Georg Braun, com destaque para a Sé.

Figura 2- Sobre a Imagem Fotográfica da Cidade de Braga (montagem de Elsa Gonçalves), a partir da sobreposição de dois Bilhetes-Postais da década de 1940, com destaque para a Sé.

Esta investigação partiu da visão que temos sobre cada Cidade, concretamente na forma como questionamos elementos de representação e as suas características adjacentes. O domínio da análise é composto por vários objetos, especialmente a cartografia e a fotografia, tendo os mapas e os bilhetes-postais como elementos fundamentais para quem visita a cidade.

Quando pensamos no presente de uma determinada cidade, vem-nos à memória uma imagem icónica, ou uma série de imagens que nos reenviam para o passado, e quase conseguimos organizá-las e localizá-las mentalmente num mapa. Podemos até referir que essas imagens representam os elementos mais característicos e identitários de uma cidade, tais como as visões e imaginários de um território. Assim, os mapas e os bilhetes-postais tornam-se espelho destas, permitindo que, se estabeleça ligações à arquitetura, à história e ao quotidiano dessa mesma cidade.

A cartografia é uma das mais antigas representações gráficas bidimensionais de um território, servindo não só de orientação e localização, mas também como representação de uma região. Os primeiros mapas datam de 6204 a.C. e foram encontrados cidade de Çattal Huyulk, na Turquia, desenhados na parede. Não nos podemos esquecer que antigamente era comum desenhar-se em madeira, peles de animais e pedras ou rochas e, com o evoluir dos tempos, começaram a ser desenhados em papel e, mais recentemente, em formato digital, recorrendo ao computador.

A fotografia é o resultado de um processo de fixação de imagem transformado pelo um modo de representação do que observamos. A sua imagem é uma interpretação do autor enquanto observador. Com isto, a fotografia tem vindo a contribuir para o entendimento, perceção e divulgação da arquitetura nos dias de hoje, isto porque o autor, antes de proceder à realização da imagem, analisa o espaço observado e tenta retratá-lo como possivelmente o autor do mesmo pretendia transmitir aquela construção. Desta forma, é fundamental a importância do fotógrafo na representação da imagem de uma cidade ao nível arquitetónico.

Há, naturalmente, duas circunstâncias que nos levaram a escolher a cidade de Braga como caso de estudo: os acontecimentos históricos que a mesma foi sofrendo, ao longo dos tempos, e que definiram a sua imagem através dos diversos elementos arquitetónicos e patrimoniais; e a proximidade, o conhecimento pessoal e a vivência nesta cidade. Por isso, a investigação se debruçar sobre o tema da imagem canónica da cidade, tal como o título enuncia *Sobre a Imagem da Cidade de Braga: Do Mapa ao Google Earth, do Bilhete-Postal ao Instagram*.

Este trabalho tem como objetivo analisar a imagem da cidade de Braga como vem representada nos mapas e nos bilhetes-postais, correlacionando elementos arquitetónicos e patrimoniais característicos do seu centro histórico. Deste modo, a cartografia e a fotografia acabam por ter um papel preponderante na construção da imagem, mostrando e realçando os diversos pontos de vista e as diversas perceções e visões de Braga, bem como todos os edifícios/monumentos destacados, para quem a habita e visita.

Procura-se, através das tecnologias digitais, descobrir informações e referências de uma forma mais atual. O acesso a estas permite-nos lançar um olhar imediato sobre qualquer espaço. Estas novas tecnologias facultam um novo olhar sobre o centro da cidade e o seu património.

Quando olhamos e percorremos uma cidade, nos dias de hoje, reparamos no quanto estas aplicações interferem na nossa orientação e no olhar sobre a imagem da cidade. Deste modo, criamos cinco imagens originadas pelas imagens/fotografias nelas apresentadas, gerando o nosso olhar sobre a imagem de Braga, através da sobreposição e colagem, e segundo cinco parâmetros analisados, e relacionados de acordo com a primeira parte, demonstrando o olhar que se tem de Braga, destacando o seu património arquitetónico.

Com isto, procuramos analisar o porquê de Braga ser hoje uma das cidades mais emblemáticas a nível arquitetónico e patrimonial, de forma a entendermos as análises e conclusões retiradas na primeira parte do trabalho sobre cartografia e fotografia, relacionando com as reflexões e conclusões, adaptadas aos nossos dias, no sentido de caracterizar a cidade através do *Google Earth* e do *Instagram*.

A modo de representação através dos elementos de análise, torna-se uma mais valia na estratégia de investigação. Estas constituem uma componente fulcral em cada uma das partes, mostrando e relacionando as diferentes formas de representação e perceção que se obtém com cada uma delas, e o evoluir das mesmas ao longo dos tempos, e ainda a forma como isto alterou a imagem da cidade de Braga para quem a habita e visita. As diferenças e/ou problemas por estas levantados advêm, sobretudo, da substituição dos elementos impressões por elementos digitais, devido ao seu desenvolvimento e evoluir dos tempos.

Esta dissertação é constituída por duas partes: na primeira parte, a investigação tem por base 12 mapas e 12 bilhetes-postais; na segunda parte, a investigação recorre ao uso das tecnologias digitais, tão marcantes nos dias de hoje (*Google Earth* e *Instagram*), procurando determinar afinidades que influenciem a representação da imagem da cidade. As duas partes seguem acompanhadas de exercícios gráficos (adaptados depois a cada capítulo), por meio da sobreposição ou colagem, mostrando o nosso olhar e análise.

O corpo de trabalho esta estruturado de forma tripartida, de acordo com os elementos de análise (Mapas, Bilhetes-Postais e *Google Earth-Instagram*) que, por sua vez, se organizam

em duas partes (primeira parte- Mapas e Bilhetes-postais; segunda parte- *Google Earth* e *Instagram*) segundo a variabilidade do foco temporal (de acordo com três tempos cronológicos distintos) e espacial (segundo as diferentes representações da cidade dos elementos em análise), que se ilustram através de uma linha cronológica apresentada no início de cada parte. Em cada uma destas três partes encontramos uma fragmentação em cinco sub-capítulos correspondente a cada tema desenvolvido, de acordo com o assunto em análise, seguido de exercício imagético gráfico e corpo textual. Estes cinco capítulos presentes em cada uma das três partes, relacionam-se entre si mostrando as relações de proximidade e afastamento de cada tema estudado.

Na **Primeira parte** em **1. OS MAPAS DA CIDADE DE BRAGA** (de 1594 a 2018) e em **2. OS BILHETES-POSTAIS DA CIDADE DE BRAGA** (de 1900 a 2018), procedemos à análise e explicitação da imagem da cidade de Braga através de cartografias e fotografias, desenvolvidas entre o século XVI e o século XXI, e entre o século XIX e o século XXI, respetivamente. Segundo cinco temas nelas encontrados, (sendo estes o plano, a topografia/superfície, os elementos marcantes, a legenda/orientação e o desenho/gravação/impressão; ou a perspetiva, os elementos marcantes, a legenda/orientação, e a impressão). Procuramos com os diversos temas analisados e investigados, explorar, entender e compreender a imagem da cidade representada e transmitida através dos elementos em análise.

Na **Segunda parte** em **3. A IMAGEM DA CIDADE DE BRAGA** (em 2019), dedicamo-nos à análise, perceção e influência que as tecnologias digitais têm na construção da imagem da cidade de Braga através do *Google Earth* e do *Instagram*, nas primeiras duas décadas do século XXI, segundo cinco temas nelas encontradas, (sendo estes o limite, a escala, os elementos marcantes, a legenda/orientação, e a edição) e, procuramos com as semelhanças e as diferenças encontradas nos temas estudados, e relacionando com os anteriores, explorar, verificar, entender e defender a atual imagem da cidade.

De seguida, a **Conclusão**, procura de uma forma breve unificar as conclusões obtidas nos capítulos anteriormente enunciados, relacionando a primeira e a segunda parte. Tendo em conta que a imagem de uma cidade “passa de imagem para imagem” e que somos influenciados pelas tecnologias e pelo seu avanço, mostrando assim o olhar atual que se tem da imagem cidade de Braga.

Por fim, nos **Anexos** contemos os diversos elementos estudados, analisados e pesquisados na investigação. Começamos por apresentar inicialmente a linha cronológica referente a todos os elementos abordados na primeira e segunda parte, percebendo desta forma os tempos cronológicos analisados, as relações entre os elementos e as épocas que contem maior número de elementos. Posteriormente organizamos os mapas e os bilhetes-postais encontrados e analisados por séculos e/ou décadas, de forma a entendermos os

diversos temas abordados, bem como a quantidade e diversidade de elementos produzidos nestas épocas.

Revemos a história da cidade em imagens de postais fotográficos a partir de José Manuel da Silva Passos e do seu livro *O bilhete postal ilustrado e a história urbana de Braga* (1996). Com este, regressamos a 1883, vendo a evolução e a expansão do centro histórico da cidade de Braga através do conjunto de postais que se encontram representados. A obra inicia com imagens da malha urbana da cidade, com postais de fotografias aéreas e depois, com o avançar dos anos, começam a visualizar-se postais com imagens mais particulares de vários edifícios destacados na cidade, e ainda postais com algumas tradições daquela época, sendo que estes vão de 1900 a 1950. Estes são os postais fotográficos mais antigos que chegaram até aos dias de hoje, e que destacam a importância de determinados locais, bem como os edifícios e a sua imagem integrante na paisagem urbana da cidade de Braga aos olhos dos habitantes e dos visitantes.

Além destas imagens que retratam a história e que são a imagem da cidade e da sua evolução, ainda temos como referência para o estudo da imagem de Braga um livro, de 2015, *Braga vista do Céu* da autoria dos textos de Miguel Sopas de Melo Bandeira e das fotografias de Filipe Jorge, e retratam cerca de 100 imagens e uma dúzia de imagens antigas que nos fazem delinear mentalmente a cidade de “hoje” e a cidade de ontem. Estas imagens vão desde o centro histórico até à envolvente urbana, representando ruas, praças, jardins, zonas industriais, estádios, universidade, entre outros.

“A imagem aérea, no seu testemunho poético e documental torna-se instrumento e documento de uma narrativa visual que ilustra e evoca a Cidade. Que a mostra, a interpreta e a perspetiva. Orgulhosa da sua história, a cidade sulca o seu território e exhibe-se como se uma escrita cifrada emergisse de um relato de história feito com imagens, numa sequência que progressivamente aguça a nossa curiosidade e admiração.”¹

O livro, *História do Bilhete Postal* (1997), de Martin Willoughby, ajudou-nos a perceber as funções e usos atribuídos à imagem fotográfica, e a sua evolução. Já o *Guia de Portugal- Entre Douro e Minho Il-Minho* (1996) de Sant'Ana Dionísio demonstrou-nos a história dos locais mais destacados.

Ao longo da escolha do tema, do levantamento e da investigação tivemos como referência o livro *A imagem da cidade* (1960) de Kevin Lynch que nos ajudou na compreensão da imagem da cidade de Braga, na forma como os habitantes e visitantes entendem o espaço,

¹ Bandeira, Miguel Sopas de Melo; Jorge, Filipe. *Braga vista do Céu*, 2015, p.8.

a arquitetura e os diferentes ambientes urbanos, e ainda o evoluir da própria imagem, dos tempos e das tecnologias digitais.

“Do projeto ao edifício, do habitat ao espaço envolvente, do campo à cidade, do funcional à vanguarda, do pitoresco ao estético, da utopia à realidade- o campo de análise é imenso. [...] sob os ângulos mais diversos, das questões fundamentais da arquitetura e do urbanismo. Mas isso não implica, naturalmente, a exclusão de estudos referentes a outras épocas, sobretudo quando contribuem para melhor compreender a nossa.”²

Para além disso, tivemos dois artigos/textos referentes ao *Google Earth*, sendo eles o artigo de Ben Campkin e Rebecca Ross, “Negotiating the city through Google Street View” (2011), e o artigo de Vittoria Di Palma, “Zoom- Google Earth and Global Intimacy”, que nos ajudaram no entendimento e perceção da estrutura e organização da própria aplicação e de funções como o street view, como é gerada a imagem constituinte das diversas cidades e territórios, e ainda a sua história e evolução, e ainda outros dois artigos referentes ao *Instagram*, sendo eles o artigo/texto de John D Boy e Justus Uitermark, “Reassembling the city through Instagram” (2017), e o artigo de Nadav Hochman e Lev Manovich, “Zooming into an Instagram City: Reading the local through social media” (2013), que nos explicaram a perceção da cidade vista através desta rede social, pelo que os utilizadores publicavam e divulgavam como imagem da cidade, bem como as suas influências e impacto gerado. Importa-nos ainda o filme *“Powers of ten”* de Charles e Ray Eames (1977), que se aproxima e afasta da cidade de Chicago, a escalas “simétricas”, permitindo-nos perceber as diversas relações dos elementos constituintes da uma cidade, que compõem a sua imagem.

² Lynch, Kevin. A Imagem da Cidade, 2014, p.1.

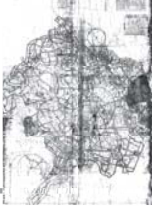
Capítulo 1. OS MAPAS DA CIDADE DE BRAGA (de 1594 a 2018)

de Melo Bandeira

(195...), (postal 206)



Plan D'Aménagement
D'Extension de Braga (1946)
Eliene de Groer



Braga-Casa existente na rua
de S. Marcos (rotulas e adufes
do sec.XVII) (19...), (postal 81)



Mapa Turístico de Braga
(2018) Câmara Municipal de
Braga



1600

1700

1800

1900

2000

1919



Mapa de Braunio (1594)
Georg Braun

Mapa de Braga (1693)
Autor desconhecido



Mapa da Cidade de Braga
Primas (1755) André Soares
de Silva



Braga Pitoresca ou a
Verdadeira Cyntia do Norte
(1858) Joaquim Silva Pereira
Caldas



Mapa da Cidade de Braga
(1968) Tecofo



PDM (2013) Câmara Municipal
de Braga



CARTOGRAFIA

“Naquele império, a Arte da Cartografia alcançou tal Perfeição que o mapa de uma única província ocupava uma cidade inteira, e o mapa do Império uma província inteira”.

Jorge Luís Borges

A imagem de um território é um espelho de quem nele vive e de quem o visita e projeta a própria identidade da cidade, de acordo com a sua evolução e história.

Os mapas são das mais antigas representações gráficas bidimensionais de um território, tridimensional, e servem não só de orientação e localização, mas também de representação visual de uma determinada região. Através deles, mostram-se diversificados pontos de vistas de acordo com o olhar de cada autor e leitor, e é através deles que obtemos uma proposta para um determinado território, sendo que um mapa não representa exatamente a realidade. Os primeiros mapas foram encontrados na cidade de Çatal Huyulk, na Turquia e datam de cerca de 6204 a.C. e estavam desenhados numa parede.³ Contudo, ainda verificamos, nos mapas antigos, imperfeições e distorções. Muitos deles eram desenhados em argila, madeira, peles de animais e rochas, e ainda não continham sofisticação suficiente que permitisse uma representação mais exata (até topograficamente).

Com o passar do tempo, e o avanço no conhecimento de geometria, astronomia e tecnologias de medição, os mapas passaram a ser fundamentais para a agricultura, o transporte, a conquista e a defesa de territórios. Os desenvolvimentos da cartografia culminaram com os trabalhos de Cláudio Ptolomeu, quando este produziu uma das mais completas obras sobre Geografia, (esta repartida em oito volumes), tendo sido uma importante referência por toda a Idade Média. Nela apresentava-se conceitos de projeções cartográficas e um sistema de coordenadas, com referência a aproximadamente oito mil localidades.⁴

Desde as primeiras navegações, iniciadas pelos portugueses no século XV, o evoluir da cartografia tomou outras proporções. Para os portugueses, os mapas eram um segredo do estado, no entanto nada impediu que o italiano Alberto Cantino, em 1502, copiasse e levasse para Itália o mapa português do mundo, “*Planisférico Português*”, conhecido até então. Mais

³“Mapa” (Consultado em 29 de Outubro de 2018). Disponível em WWW: <URL: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mapa>

⁴ “História da Cartografia” (Consultado em 31 de Dezembro de 2018). Disponível em WWW: <URL: <http://www.mapas-historicos.com/cartografia-historia.htm>

tarde, com as novas tecnologias (bússola, astrolábio, telescópio, entre outros), foi possível desenvolver-se notáveis avanços. A partir da segunda metade do século XVIII, o território mundial ficou conhecido com as devidas coordenadas o “Mapa do Mundo” de I. Evans, 1799. Nos dias de hoje, com os avanços da tecnologia, os mapas mais comuns e usados são os mapas digitais em que o território é representado do mesmo modo, e com um acesso a bases de dados, em permanente atualização formando os GIS (sistemas de informações geográficas), e o posicionamento com GPS (*Global Positioning System*). Estes mapas são produzidos de acordo com a pesquisa, na projeção cartográfica que escolhemos⁵, como acontece por exemplo com o *Google Maps* ou o *Google Earth*.

O mapa é um elemento de representação cartográfica de uma realidade em que se reproduz uma determinada área de um território, e onde existe uma proporção entre a área real e a sua representação expressa no mapa. A esta ligação atribuímos o nome de escala, na qual nos é permitido representar e observar áreas grandes em folhas de papel reduzidas. Com isto, podemos verificar que os mapas possuem diversificadas funções, desde mostrar a delimitação de uma cidade ou de um país, auxiliar no percurso que queremos seguir até um determinado destino, fornecer informações como distribuição populacional, entre outras.

Além de serem representações simples, desenhos ou imagens, os mapas são uma forma de comunicação, uma forma que as pessoas têm para se expressarem e compartilharem informação acerca de determinado território. Assim sendo, o mapa tem incorporadas algumas utilidades como, por exemplo: localização, através dele podemos situar os diferentes lugares e descobrir onde nos encontramos numa determinada rota, etc.; comunicação, através dele podemos descrever e explicar a nossa visão sobre o espaço que observamos, (ou até explicar onde vivemos); conhecimento, na medida em que podem ser lidos, representando uma linguagem, expressando características e designando os seus significados através das cores, símbolos e traçados, e ainda, observando os mesmos, podemos ter a percepção da vegetação, da urbanização, da rede viária, entre outros; e por fim, ainda podemos medir distâncias, calculando distanciamentos entre dois pontos, utilizando a escala do mapa, que é a relação entre o tamanho real da área representada e o tamanho da representação do mapa.⁶

Por conseguinte, os mapas de cidade representam e sintetizam informações históricas, políticas, económicas, físicas, entre outras. No passado, este tipo de documentos era confidencial, apenas circulava entre aqueles que se encontravam no poder. Atualmente,

⁵ “História da Cartografia” (Consultado em 31 de Dezembro de 2018). Disponível em WWW: <URL: <http://www.mapas-historicos.com/cartografia-historia.htm>

⁶ “Importância dos Mapas” (Consultado em 31 de Dezembro de 2018). Disponível em WWW: <URL: <https://alunosonline.uol.com.br/geografia/importancia-dos-mapas.html>

conhecer as intenções, os diferentes usos dos mapas ajudam a desmistificar e a resolver problemas quotidianos de planeamento e projeto.⁷

Tendo em conta que um mapa é uma representação cartográfica de um território, ou seja: é também a uma leitura de um observador/autor. Com efeito, o mapa contém três fundamentos: conceito, objetivo e finalidade. Desta forma, cada representação é única e distinta de autor para autor. Estes pensam e estruturam as suas representações, imprimindo as suas ideologias, ficando neles retido os seus tópicos e ideias. Como resultado, compete a cada observador fazer uma leitura cuidada do mapa no sentido de os desvendar e interpretar.

Nos mapas, podemos encontrar elementos como título, legenda, escala, orientação e fonte, que nos ajudam a interpretar melhor uma determinada representação de uma região ou cidade, tendo ainda como referência a proporção, a localização e a simbologia neles presentes.

⁷ "A Importância dos Mapas e dos Atlas" (Consultado em 31 de Dezembro de 2018). Disponível em WWW: <URL: <http://www.construirnoticias.com.br/a-importancia-dos-mapas-e-dos-atlas/>>

Braga transmite a quem a visita, independentemente da cultura, da profissão ou intenção dos visitantes, uma identidade, principalmente através do seu património edificado (de carácter religioso, político, público, privado, etc.).

Tendo em conta que quem visita uma cidade tem como base um mapa, seja impresso, virtual/digital, iniciamos esta investigação com uma análise referente aos mapas representativos da cidade de Braga, deste 1594 (*Mapa de Braunio* de Georg Braun) até 2018 (*Mapa Turístico de Braga*), sobre doze representações, dos quais duas são planos que decidimos analisar como mapas, tendo em conta que a sua representação não é da imagem da cidade construída, mas sim de algo que poderá ser construído ou melhorado futuramente, em que são abordados diversos pontos como plano, topografia, simbologia, entre outros. Além destes doze mapas que se debruçam sobre a cidade de Braga, ainda temos como referência o *Google Earth*, uma aplicação bastante usada e quase indispensável nos dias de hoje, quando se pensa na imagem de uma cidade, ou mesmo quando se visita um determinado lugar.

Conhecido como *Mapa de Braunio*, foi durante o século XVI (mais propriamente em 1594) que se produziu a primeira ilustração conhecida para a cidade de Braga, que se pensa ter sido encomendada pelo arcebispo D. Frei Agostinho de Jesus⁸. Esta ilustração está inserida na obra "*Civitates Orbis Terrarum*", publicada em seis volumes entre 1572 e 1618, que podemos considerar um dos primeiros atlas da cidade. A gravura intitulada de *nova Bracarae Avgvste delcriptio* é uma das imagens mais populares da cidade pela sua antiguidade e qualidade e um documento de relevância para o estudo da morfologia da cidade, não só por ser considerada a primeira ilustração dela conhecida, mas por fornecer pormenores referentes ao tecido urbano existente na época. É referida como fonte de estudo para as reformas urbanísticas efetuadas por D. Diogo de Sousa, igualmente importante para o estudo da forma urbana de Braga medieval.

Este mapa contém a primeira representação global da malha urbana da cidade, abrangendo uma imagem ilustrativa de Braga quinhentista, onde se encontram destacados alguns locais da cidade romana, bem como as principais vias que ligavam Bracara Augusta ao exterior. Um dos pontos que nos permite confirmar a sua datação é a ausência do edifício do Convento do Pópulo, na parte superior central do mapa, que apenas começou a ser construído em 1596.

⁸ Oliveira, Eduardo Pires de Silva; Libório, Manuel. Braga by André Soares, 2014, p.50.

Após esta data, surge uma representação “panorâmica” de 1693 da cidade de Braga, intitulada de *Mapa de Braga*. Faz parte de um álbum de aguarelas seiscentistas que contém trinta e nove vistas de povoações portuguesas, com as dimensões de 137 x 227mm⁹. O autor deste mapa pretende manter anonimato¹⁰, por isso, a autoria do referente mapa ser desconhecida.

Este mapa tem como interesse “preencher a lacuna de 150 anos entre a planta de 1594”¹¹ de Braunio e o *Mapa das Ruas de Braga*, datado de 1750. Quanto à época em que esta imagem se enquadra, no século XVII, podemos dizer que é de importante relevância no que diz respeito à representação geral do traçado da cidade de Braga. A cidade é o “resultado dos empreendimentos urbanísticos levados a cabo pelo arcebispo D. Diogo de Sousa, cujos espaços abertos, que a figura deixa adivinhar, foram colmatados por elevado número de construções”¹².

Posteriormente, surge o *Mappa da Cidade de Braga Primas* de André Soares¹³, cujo, provavelmente, único exemplar conservado deste mapa se encontra atualmente arquivado na Biblioteca Nacional da Ajuda, em Lisboa. Pertence ao espólio do arcebispo D. José de Bragança que administrou o arcebispado entre 1741 e 1756¹⁴.

Este mapa representa a cidade setecentista num documento iconográfico, contudo não existe qualquer referência no mesmo quanto à sua data de execução. No entanto, tendo como padrão algumas construções presentes ou ausentes neste mapa da cidade, podemos datá-lo de 1755. “Pelo inventário dos bens de D. José de Bragança feito após a sua morte, sabe-se que existiam três mapas de Braga”¹⁵.

⁹ Bandeira, Miguel Melo; Oliveira, Eduardo Pires de. Uma Imagem Inédita de Braga no Séc.XVII, 1997, p.21 e p.22.

¹⁰ Idem, p.22.

¹¹ Idem, p.22.

¹² Idem, p.26.

¹³ André Ribeiro Soares da Silva foi o autor deste mapa, e é considerado o maior autor do rococó em Portugal. As suas obras são profundamente emotivas (especialmente no domínio da arquitetura), encontram-se espalhadas pelo Norte do país, sendo o seu principal centro a cidade de Braga, como podemos confirmar com algumas das suas obras exemplares e de especial relevância da arquitetura da Idade Moderna portuguesa, como é o caso da Igreja da Falperra, da Casa do Raio, da Casa da Câmara, do Palácio dos Biscainhos, da Capela de Nossa Senhora da Torre, da espantosa Capela dos Monges nos Congregados, entre outros. Para além disto, o autor ainda deixa a sua marca única no campo da talha retabular e na talha de equipamento litúrgico, como podemos encontrar no mosteiro de Tibães, “em que a ele se deveu o ‘risco’ de obras de entalhe tão grandiosas como o que reveste o mosteiro”, altares da capela-mor, transepto e sacristia. (Oliveira, Eduardo Pires de Silva; Libório, Manuel. Braga by André Soares, 2014, p.10)

¹⁴ “Obra recebidas na Biblioteca da Ajuda: estudo e publicação de fontes”. 2014. (Consultado em 6 de Novembro de 2018). Disponível em WWW: <URL: <http://bibliotecadaajuda.blogspot.com/2014/07/obra-recebidas-na-biblioteca-da-ajuda.html>

¹⁵ Oliveira, Eduardo Pires de Silva; Libório, Manuel. Braga de André Soares, 2014, p.49.

Este documento apresenta grande valor artístico, ilustrando uma imagem da cidade de Braga com fiabilidade quanto ao seu plano urbano no século XVIII, encontrando-se os edifícios religiosos particularmente destacados.

Mais tarde, em 1854, surge a *Planta da Cidade de Braga*, de Belchior José Garcez e de Miguel Baptista Maciel. A cópia original desta planta, impressa a preto e branco e com as dimensões de 851 x 631mm, encontra-se no Instituto Geográfico Português, em Lisboa¹⁶.

Passados trinta anos, surge a *Planta Topografica da Cidade de Braga* (1884), da autoria de Francisco Goullard. Atualmente, e já em avançado estado de deterioração, esta planta pertence à Câmara Municipal de Braga, e é composta por um conjunto de trinta folhas, com aproximadamente 1200 x 80 cm¹⁷.

Já no século XXI, em 2013, surge o *PDM* (Plano Diretor Municipal) de Braga que é “desenvolvido tendo em conta estudos minuciosos do Concelho, diretrizes legais e análise de tendências, o que permitiu a simulação de cenários futuros, de modo a precaver cenários negativos e a potenciar os cenários positivos”¹⁸.

O *Mapa de Arquitetura* (2014) de Braga de Maria Manuel Oliveira, Rosália Dias e Miguel de Melo Bandeira é um mapa bastante abrangente da zona urbana da cidade, incluindo ainda a zona rural periférica ao centro histórico. Através dele, apercebemo-nos do crescimento e desenvolvimento urbano e espacial da cidade desde o século XVI até então. Além disso, a partir deste mapa, sabemos que o concelho de Braga tem uma área total de 32,3 Km² e, quanto à sua população, tem cerca de 109.460 habitantes. Com um grafismo claro, pormenorizado e explicativo, destacam-se noventa e quatro obras entre edifícios e espaços públicos sobre a planta geral da cidade, estando estes maioritariamente localizados na zona central/histórica da cidade de Braga. Além disto, ainda podemos encontrar evidenciados seis espaços urbanos, entre ruas, praças e jardins, selecionados pelo seu ambiente e carácter particular, e ainda seis conjuntos urbanos, entre bairros e áreas planeadas, que correspondem a zonas homenageadas/emblemáticas da cidade.

No entanto, além da representação geral da cidade, ainda é feita uma ampliação mais centralizada no centro histórico da cidade, onde os autores desse mesmo mapa incluem uma breve explicação acerca dos seis espaços urbanos e dos seis conjuntos urbanos nele

¹⁶ “6.4.3- Plantas de Outras Cidades (CA 385)” (Consultado em 8 de Novembro de 2018). Disponível em WWW: <URL: http://www.dgterritorio.pt/museuvirtual/MV_2011/Catalog%20G%20Mendes/Cap6-4.pdf

¹⁷ Dados fornecidos pela Câmara Municipal de Braga (28 de Setembro de 2018)

¹⁸ “Plano Diretor Municipal” (Consultado em 8 de Novembro de 2018). Disponível em WWW: <URL: <http://pdmbraga.cm-braga.pt/index.php/pdm>

ilustrados. E, por fim, ainda é feita uma legendagem, bastante completa e detalhada, das noventa e quatro obras mencionadas.

É ainda de salientar a organização, a forma, o tamanho e o seu funcionamento, tendo em conta o uso turístico e diário na cidade.

Atualmente, com o *Mapa Turístico de Braga*, mostra-se a imagem da cidade para quem a visita, fornecido pela loja do turismo, servindo como guia e orientação dos elementos emblemáticos a visitar, bem como toda a rede viária que organiza e estrutura a cidade. Este mapa tem como dimensões 40 x 30cm, o que o torna bastante cómodo e fácil de usar, pela sua organização, forma e grafismo.

Neste documento, além do mapa da cidade, ainda encontramos, no seu verso, uma breve explicação da história e da evolução da cidade desde Bracara Augusta a Braga do Barroco, algumas referências organizadas por categorias, sendo elas: museus e espaços culturais; gastronomia e vinhos; eventos, festas, feiras e romarias; artesanato; caminhos de santiago; fora do centro; desporto, lazer e família e ciclovias e percursos pedestres. Por último, ainda encontramos o “sabias que?” e informações úteis, que destacam algumas curiosidades sobre a cidade de Braga e informações acerca do autocarro turístico e do aeroporto, respetivamente. Ainda no verso, podemos encontrar fotografias de alguns dos edifícios, locais e eventos salientados ao longo do documento, referência a alojamentos e distâncias para outras cidades, locais e países a partir de Braga. O presente mapa tem versões em diversas línguas, sendo as mais utilizadas e fornecidas as que se encontram em Português e Inglês.

Desta forma, decidimos estudar maioritariamente o centro da cidade de Braga, não só pela sua imagem, mas também pelos diversificados edifícios emblemáticos que se encontram nesta área, e de acordo com a evolução urbana, com as intervenções políticas, com a história e a imagem/representação da cidade.

Ao longo do trabalho, comprovamos que a cidade de Braga tem sofrido alterações ao nível do seu urbanismo e da sua arquitetura, nomeadamente nas vias, na malha urbana, nos edifícios emblemáticos/turísticos, entre outros. Quanto à arquitetura, os elementos mais destacados vão-se mantendo os mesmos, sendo a maioria edifícios de carácter religioso e com grande história e imponência na cidade, como, por exemplo, a Sé Catedral, o Bom Jesus e o Sameiro. Por conseguinte, também nos apercebemos que, com o evoluir das tecnologias e estando estas tão presentes nos nossos dias, nomeadamente o *Google Earth*, temos vindo a ser influenciados e a ter como base as imagens que visualizamos nesta aplicação, como

sendo uma das nossas imagens de uma determinada cidade, tendo em conta que se aproximam da imagem real.¹⁹

¹⁹ Os mapas *Braga Pitoresca ou a Verdadeira Cyntra do Norte* (1858), de Joaquim Silva P. Caldas e o *Mapa da Cidade de Braga* (1968), de Tecafo a *Planta da Cidade de Braga* (1868), do Eng. Joaquim Pereira da Cruz e o plano *Plan D'Amenagement D'Extension de Braga* (1946), de Etiene de Groer, não foram referenciados devido a falta de informação histórica encontrada acerca dos mesmos.

Plano

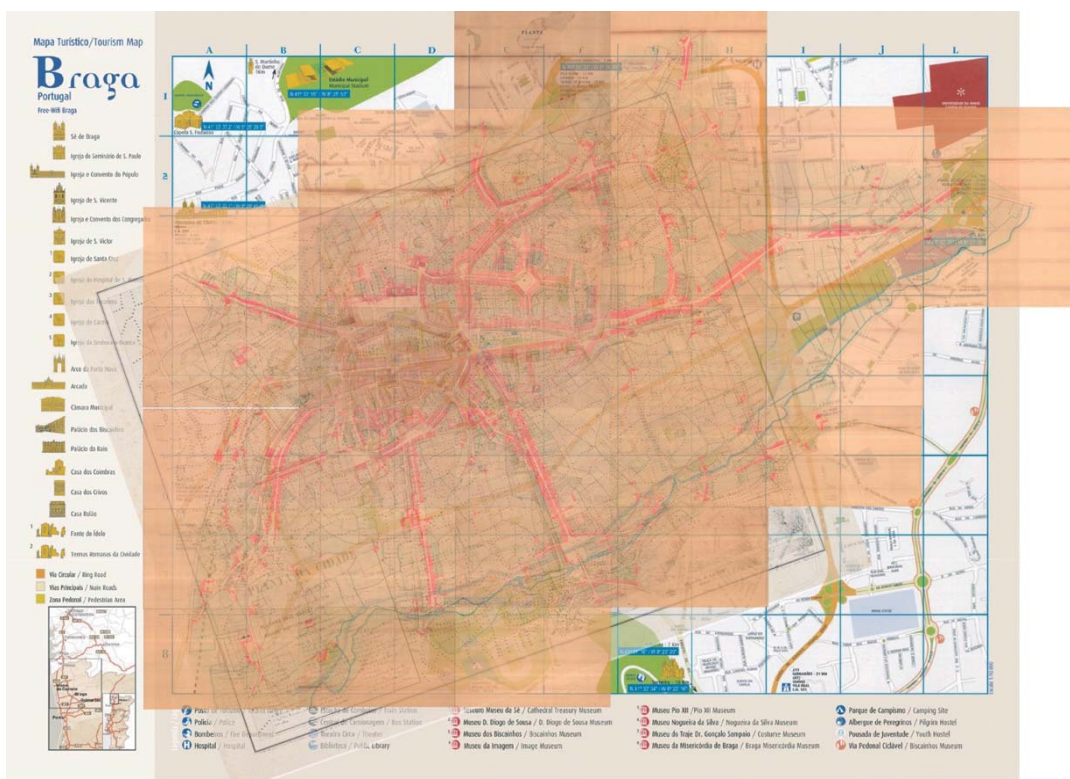


Figura 4-Plano (montagem de Elsa Gonçalves), a partir da sobreposição do *Mapa Turístico de Braga* (2018) de Autor Desconhecido, com a *Planta da Cidade de Braga* (1854) de Belchior José Garcez e Miguel Baptista Maciel e com a *Planta Topográfica da Cidade de Braga* (1884) de Francisque Goullard.

A planificação ou o enquadramento de um mapa está presente desde a sua produção. Este processo advém da organização dos elementos a representar acerca da cidade ou região, numa folha de papel, de modo que, sem qualquer descrição, o observador o consiga ler e interpretar. Os mapas são produzidos para diversas categorias, tomando várias funções e contendo vários leitores (cidadãos, políticos, geógrafos, alunos, entre outros) com ou sem bases em Sistema de Informação Geográfica. É por isso que a sua planificação e organização na folha é tão importante, transmitindo, com maior precisão, a mensagem que o autor quer representar da cidade.²⁰

Em todas as plantas e mapas em análise, foca-se o centro da cidade de Braga, podendo conter mais ou menos área envolvente ao núcleo central, exceto na *Planta Topográfica da Cidade de Braga* que representa a área total da cidade.

Nos dois primeiros mapas, *Mapa de Braunio (1594)* e *Mapa de Braga (1693)*, gera-se dúvidas deixando-nos a pensar se é uma imagem bidimensional ou tridimensional, ou uma fotografia ou num desenho tridimensional, respetivamente. No *Mapa de Braunio*, se analisarmos criteriosamente, reparamos que esta imagem foi desenhada e pensada segundo uma perspetiva ao olhar a cidade de Braga. Tendo em conta que esta imagem coloca, no seu eixo e ocupando a maioria do espaço, o centro da cidade, percebemos que lhe confere mais pormenor e destaque que na restante envolvente. Ao representar a cidade tridimensionalmente, põe em evidência alguns locais que consideravam importantes e de pertinência na época mostrando, desta forma, maior densidade populacional, representando a cultura arquitetónica presente no edificado e a expansão territorial, no seu núcleo central, que ainda é delimitado e organizado segundo a muralha. Por esse motivo talvez não foi dado o devido ênfase ao que se encontrava exterior à muralha. Neste sentido, pode dizer-se que este mapa se divide em dois planos, o primeiro plano foca a imagem principal e o que o autor pretende transmitir, que é o centro de Braga; e o segundo plano abrange tudo o que é exterior à muralha e que o autor poderia considerar como menos importante relativamente ao que pretendia transmitir, pela simplicidade e detalhe da representação. Já o *Mapa de Braga* emerge, como primeiro plano, e centralizado no mapa, o centro histórico da cidade de Braga com o seu núcleo central organizado em quarteirões e, de seguida, as ruas e praças circundantes, destacando as praças com a sua nomenclatura (campo da Vinha, Stª Anna, S. Tiago, Sé, Los Touros); e, em segundo plano, surgem os montes e as planícies, dando continuidade às ruas mais próximas do centro histórico, limitadoras da imagem. Nesta época, tendo em conta o desenvolvimento e a urbanização dos subúrbios ser significativamente maior, o autor retratou, com detalhe, os campos adjacentes às entradas da muralha, abertos

²⁰ “Enquadramento” (Consultado em 5 de Janeiro de 2019). Disponível em WWW: <URL: https://docs.qgis.org/2.8/pt_PT/docs/gentle_gis_introduction/map_production.html

no século anterior, bem como as construções que delimitavam os caminhos periféricos. Supomos que o autor tenha tentado abranger a maioria da cidade, para mostrar o processo de expansão e o alargamento do espaço urbano da cidade. Na altura, o único ponto da cidade com tal enfiamento visual “seria a elevação denominada *Mouta*-241mts alt., a poente do monte *Picoto* e que, em relação à Sé de Braga, distaria em linha recta 1750mts. Tendo-nos deslocado ao local, logo verificamos a improbabilidade da vista ter sido exclusivamente levantada daí”²¹. Por conseguinte, achamos que o autor tomou em consideração mais do que um ponto de vista e/ou observação para construir a sua perspetiva/imagem da cidade de Braga. Observando cuidadosamente a imagem, apercebemo-nos que o primeiro plano “traduz uma rutura de perspetiva no que concerne à cidade representada aquém do tramo Sul da muralha”²², o que até nos pode levar a pensar que o autor poderia ter utilizado como ponto de observação um dos torreões situados a SW (Sudoeste) da Cidade intramuros²³. “A perspetiva meridiana coloca o hipotético observador orientado no quadrante SW-NE (Sudoeste-Nordeste), ou seja, mais deslocado para poente que o alinhamento patente na gravura de referência”²⁴.

O *Mappa da Cidade de Braga Primas* (1755) abrange maior área envolvente do que aquela apresentada nos mapas abordados anteriormente, deixando de incluir apenas o núcleo medieval e passando a introduzir o núcleo romano, como podemos comprovar pela escala 1:2000, destacando e dando ênfase às partes e aos elementos que o autor considerava mais importantes e pertinentes, quando olhou a cidade e a representou. Mais tarde, em 1858, com o mapa *Braga Pitoresca ou a Verdadeira Cyntra do Norte, volta-se a ter um mapa muito aproximado ao Mappa da Cidade de Braga Primas* (1755), encontrando-se à escala 1:1650, e continuando a focar o centro da cidade no mapa e, tal como o nome indica, representa Braga de uma forma simples e clara. No entanto, em 1854, através da *Planta da Cidade de Braga* encontramos representada maior área envolvente que o *Mappa da Cidade de Braga Primas* (1755), encontrando-se à escala gráfica de 800 metros, que é igual a 198,5 mm, ou seja, aproximadamente 1:4000.²⁵

Quanto ao *Mappa da Cidade de Braga Primas* (1755), o qual segue o modelo do *Mapa de Braunio* (1594), é-nos permitido reconhecer as intenções do autor nas intervenções que queria fazer na cidade.²⁶ Assim sendo, a representação da cidade encontra-se bastante

²¹ Bandeira, Miguel Melo; Oliveira, Eduardo Pires de. Uma Imagem Inédita de Braga no Séc.XVII, 1997, p.26.

²² Idem, p.26.

²³ Idem, p.26.

²⁴ Idem, p.26.

²⁵ “6.4.3- Plantas de Outras Cidades (CA 385)” (Consultado em 8 de Novembro de 2018). Disponível em WWW: <URL: http://www.dgterritorio.pt/museuvirtual/MV_2011/Catalog%20G%20Mendes/Cap6-4.pdf

²⁶ Oliveira, Eduardo Pires de Silva; Libório, Manuel. Braga by André Soares, 2014, p.50.

organizada e detalhada, realçando os elementos mais importantes como o perímetro dos quarteirões, os edifícios históricos e a delimitação das ruas tridimensionalmente. Os restantes elementos considerados menos importantes foram representados bidimensionalmente, mostrando o que, para o autor, importava e o que pretendia destacar, quando representava a imagem da cidade de Braga. Apercebemo-nos que a zona central da cidade era mais organizada em quarteirões menores e com maior densidade populacional e a envolvente continha menor edificado habitacional e mais campos e planícies, ou seja, era menos desenvolvida. Um dado importante que o mapa transmite é o alinhamento das propriedades na metade inferior da cidade, o que, sem dúvida, corresponde ao reticulado urbano da cidade romana de Bracara Augusta²⁷.

No mapa de *Braga Pitoresca ou a Verdadeira Cyntra do Norte (1858)*, o núcleo central não se encontra tão definido, tendo em conta que, com o passar dos anos, o centro de Braga se foi alargando, como podemos visualizar pelas imagens em anexo e como se tem vindo a comprovar pelos mapas e plantas anteriores. Neste mapa, o autor representa o edificado através de blocos contínuos, realçando, com uma cor mais escura, os espaços verdes, bem como os campos, jardins e planícies, sem qualquer parcelamento e com pouca expressão, e, por fim, apresenta-se as ruas e as praças a branco, destacando-se, desta forma, os pontos mais importantes da cidade para o autor nesta representação.

A *Planta da Cidade de Braga (1868)*, contém, na sua representação da cidade detalhe até então nunca observado, de que são exemplos as praças, em que se mostra a sua organização de forma rigorosa e minuciosa. O resto da envolvente que se liga a este centro/núcleo central não tem quase destaque, exceto as ruas como já referi. Esta planta foca-se no centro da cidade de Braga e na sua envolvente mais ampla, como nos dois mapas analisados anteriormente (*Planta da Cidade de Braga (1854)* e *Braga Pitoresca ou a Verdadeira Cyntra do Norte (1858)*), estando esta à escala 1:2000, como *Mappa da Cidade de Braga Primas (1755)*, apesar de a *Planta da Cidade de Braga* abranger maior área envolvente. Esta planta destaca os quarteirões centrais e as ruas que a eles se ligam, através da sua delimitação, sendo que as ruas envolventes, que dão continuidade ao centro da cidade, têm menos expressão que o núcleo e as ruas centrais, visto que o autor também contém na representação parcelamento edificado e destacado.

Em seguida, temos uma planta que deixa de ser do centro da cidade de Braga, como temos vindo a observar pelos mapas e plantas analisados anteriormente, passando a ser uma planta da cidade de Braga, pela sua amplitude e extensão da envolvente representada, sendo ela a *Planta Topografica da Cidade de Braga (1884)*. Devido ao seu detalhe, já se introduzem

²⁷ Oliveira, Eduardo Pires de Silva; Libório, Manuel. Braga by André Soares, 2014, p.50

novos pontos de realce e destaque, encontrando-se à escala 1:500, para, desta forma, exibir o seu pormenor. O autor desta planta faz uma representação mais detalhada e rigorosa, apresentando novos temas de análise, introduzindo a cor, que não aparecia até então, e dando destaque a alguns deles. A vermelho, marca-se o edificado, fazendo-nos aperceber que a sua densidade deixa de se concentrar apenas no centro, mas também nas ruas principais que o circundam; a azul destaca-se o rio Este e, por fim, a ponteadado, a divisão de parcelamento e a marcação dos arruamentos. Relativamente às praças, o autor também as destaca com o seu detalhe.

Posteriormente, surgem dois planos para a cidade Braga e, tal como o seu nome indica, são propostas de um plano para a cidade, por conseguinte, temos o *Plan D'Amengement at D'Extension de Braga* (1946) (plano de extensão de Braga) e o *Plano Diretor Municipal (PDM)* (2013) (plano para a cidade de Braga). Tendo em conta a sua finalidade, estas representações podem conter elementos que não existiam nas épocas realizadas. O *Plan D'Amengement at D'Extension de Braga* é mais amplo e simples, abrangendo uma maior área de território envolvente ao centro da cidade, sendo que o autor demarca a área do seu plano, podendo, desta forma, atribuir-se como perímetro da cidade de Braga. Ainda dentro deste perímetro, destacam-se algumas zonas através de círculos, que realçam alguns pontos importantes da cidade. Além desta grande zona da cidade, ainda estão representados os arranques dos arruamentos e algumas ruas pontuais exteriores ao perímetro, que o autor considerou importantes. O centro da cidade não aparece tão centralizado, no entanto não deixa de ter o seu valor e de mostrar o seu traçado e a sua organização que continua predominante e visível ao longo das análises.

O *Mapa da Cidade de Braga* (1946) e o *PDM* (2013) são mapas que foram restringidos, tendo em conta o estudo e a análise do centro da cidade de Braga, não abrangendo toda a área existente no presente plano. O *Mapa da Cidade de Braga* encontra-se representado por nove zonas selecionadas, sendo as oito zonas envolventes à zona do núcleo central da cidade. Nele estão visíveis as curvas de nível, que nos deixam perceber a forma dos locais de maior e menor cota (mais elevados e mais baixos) da cidade. É também visível a sua estrutura, através dos arruamentos, das praças, da divisão de parcelas e do edificado. Quanto ao edificado, encontra-se a cor preta, o que se realça nesta representação, e que nos faz perceber que o núcleo central, que anteriormente se definia apenas pelo perímetro amuralhado, agora se difunde com as ruas mais próximas e mais edificadas. Em relação às praças, estas continuam com uma representação em relação à sua organização. O enquadramento do *PDM* é mais direcionado e focado no centro histórico da cidade, incluindo maioritariamente a zona urbana da cidade.

Analisamos ainda outra situação presente nos mapas e plantas em estudo, em que o referido *Mapa de Arquitetura de Braga* (2014), que se encontra destacado em dois momentos,

cada um num dos lados da folha. O primeiro momento é uma representação geral da cidade de Braga, mostrando e destacando todos os locais e zonas mais importantes na cidade ao nível arquitetónico, salientados através de cores e traços; e o segundo momento é uma aproximação do mapa, focando apenas o centro histórico da cidade. É nesta aproximação que se encontra a maior parte do edificado realçado, no que diz respeito a arquitetura; para além disso, enfatizam-se diversas obras e alguns espaços e conjuntos urbanos através das cores. São ainda demarcados os perímetros amuralhados, muralha romana e medieval. Neste mapa, salientam-se também as praças, ruas, avenidas, parques e montes mais importantes. Quanto à representação do rio Este e das zonas verdes, estas encontram-se exibidas do mesmo modo que nos mapas em análise anteriores, a cor azul e verde, respetivamente. Os restantes elementos que estruturam e organizam a cidade encontram-se a uma cor mais sublime e de menor destaque, os arruamentos a cor branca, o edificado não destacado a castanho claro e a área não edificada a cor bege. Desta forma, e tendo em conta que este mapa não abrange a totalidade da área da cidade, ainda são feitas referências a alguns elementos importantes na representação e deslocação na cidade.

Por fim, temos um mapa comum ao nível de representação e registo arquitetónico, tendo em conta o uso turístico, sendo este o *Mapa Turístico de Braga* (2018). Este destaca-se dos mapas e das plantas anteriores, de acordo com a sua finalidade e o seu título. Procuramos realçar os pontos mais emblemáticos e importantes da cidade, sobretudo para quem a visita, transmitindo desta forma, uma imagem da cidade de Braga para quem o utiliza. Nesta representação da cidade, destacam-se os elementos mais importantes através das cores. Os locais mais emblemáticos estão retratados através de ícones alusivos, cor amarelo torrado, e a estrutura da cidade através dos seus arruamentos, estando as principais ruas/avenidas destacadas com cor de laranja e verde claro e as restantes a cor branca. O rio Este encontra-se a cor azul, as vias pedonais e cicáveis a cor vermelha e, por fim, as zonas verdes a cor verde. Neste mapa, ainda é dada indicação e orientação de pontos importantes que não figuram no mapa.

Topografía/Superficie



Figura 5-Topografia (montagem de Elsa Gonçalves), a partir da sobreposição do *Plan D'Aménagement D'Extension de Braga* (1946) de Etienne de Groer com o *Mapa da Cidade de Braga* (1968) de Tecafo.

A palavra topografia deriva do grego, *topos* que significa “lugar” e *grafo* que significa “descrever”, ou seja, significa “descrição de um lugar”; é uma “arte de representar no papel a configuração de um terreno com todos os acidentes que tem à superfície”.²⁸

A topografia nasceu equiparada à cartografia, com a necessidade que os habitantes e visitantes tinham em especificar as condições e estrutura das ruas/caminhos representados nas cartas geográficas na altura. No entanto, os estudos nesta área só se começaram a desenvolver no século XVII, com a criação de alguns instrumentos importantes para as medições topográficas, como, por exemplo, o barómetro, o cronómetro e a luneta astronómica. Atualmente um dos elementos mais importantes para a topografia é o Sistema de Posicionamento Global (GPS).

Neste conjunto de doze mapas/plantas, podemos visualizar cartografias que contêm elementos topográficos neles representados, no entanto também existem mapas/plantas/planos que não fazem qualquer referência aos mesmos.

Começamos por encontrar representada em dois mapas, no *Mapa de Braunio* (1594), e no *Mapa de Braga* (1693)), a topografia expressa pela tridimensionalidade, atribuída na representação do mapa, em que o declive do terreno é destacado. Apercebemo-nos, desta forma, que a zona rural que envolve o centro histórico da cidade, a muralha, não sofreu significativa alteração topográfica, dado o pouco desenvolvimento, como podemos observar maioritariamente no *Mapa de Braga*, ao visualizar a periferia. Dada esta condição, não é necessário observar cuidadosamente as mesmas, para nos darmos conta das distorções presentes, a simples observação da periferia já o demonstra.²⁹

Desde o *Mappa da Cidade de Braga Primas* (1755) até a *Planta da Cidade de Braga* (1868), no *Mapa de Arquitetura de Braga* (2014) e no *Mapa Turístico de Braga* (2018), não encontramos qualquer representação relativa a elementos topográficos, referentes ao terreno em análise destacado, como, por exemplo, a curvas de nível, que demonstram a topografia, a planificação e organização altimétrica do território. No entanto, encontramos duas exceções, uma na *Planta da Cidade de Braga* (1854) que visualizamos no canto inferior direito, uma representação em escala de cinza, realçando a variação de cotas daquele território periférico circundante ao rio; e outra, no *Mapa Turístico de Braga* (2018), quando encontrarmos realçadas as coordenadas geográficas de alguns locais por eles destacados (Falperra, Sameiro, Bom Jesus, entre outros). Na *Planta da Cidade de Braga* (1854), vemos representada a cidade, de forma rigorosa e geométrica, ilustrando o espaço urbano de Braga do século XIX, uma leitura

²⁸ "Topografia", (Consultado em 2 de Janeiro de 2019). Disponível em WWW: <URL: <https://dicionario.priberam.org/topografia>

²⁹ Bandeira, Miguel Melo; Oliveira, Eduardo Pires de. Uma Imagem Inédita de Braga no Séc. XVII, 1997, p.27.

topográfica do plano da cidade. Assim sendo, verificamos as poucas alterações morfológicas ocorridas na zona intramuros desde o *Mapa de Braunio* (1594), como podemos constatar através da observação e comparação entre os mapas e plantas. Esta planta é o primeiro documento em que podemos reconhecer “rigorosamente” a zona medieval da cidade, pelo facto de a mesma abranger uma maior área da cidade.

Nas restantes plantas e mapas, encontramos representadas as referentes curvas de nível, apercebendo-nos da planificação da cidade de Braga. Neste sentido, conseguimos perceber e analisar a implantação de cada edifício e espaço público pelo autor destacado, de acordo com as representações altimétricas.

Nesta perspetiva, verificamos a intenção e o objetivo com que cada autor pretende imprimir ao desenhar ou representar a cidade de Braga, (ou apenas o centro histórico da cidade), podendo ser feita ou não referência a elementos topográficos. Tudo depende da forma como cada observador/autor visualiza a cidade e representa a informação que nela retém.

Elementos Marcantes

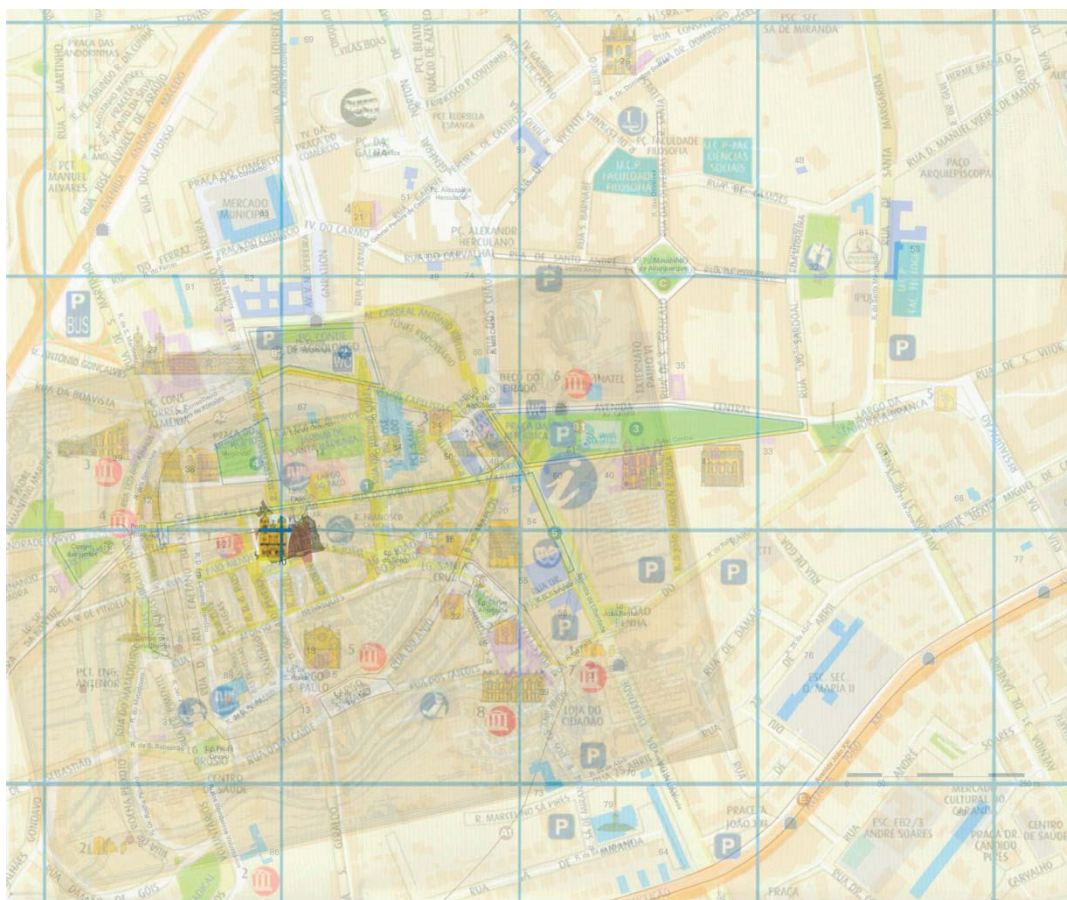


Figura 6-Elementos Marcantes (montagem de Elsa Gonçalves), a partir da sobreposição do *Mapa Turístico de Braga* (2018) de Autor Desconhecido, com o *Mapa da Arquitectura de Braga* (2014) de Maria Manuel Oliveira, Rosália Silva e Miguel de Melo bandeira e com o *Mapa de Braunio* (1594) de Georg Braun.

Os elementos marcantes de um mapa são os elementos que nele se destacam, aqueles que, além do título, da legenda, da orientação ou da escala, ajudam a interpretar a cidade. Tendo em conta que um mapa pode assumir diversas funções e utilidades, a presença destes elementos notáveis pode ser um dos motivos gráficos que o autor pretendia dar ênfase no mapa. Por exemplo, num mapa turístico, o que se vê destacado como elementos notáveis são os locais e monumentos que o município ou o autor pretendem realçar para quem se orienta pelo mapa, quando visita a cidade. Com isto, os elementos marcantes de cada mapa podem variar de mapa para mapa, de acordo com a função, a utilidade e a mensagem que cada autor quer transmitir na representação.³⁰

Ao longo da análise destas cartografias, podemos encontrar destacados edifícios e espaços públicos de carácter religioso, político, social, público ou privado.

No *Mapa de Braunio* (1594) e no *Mapa de Braga* (1693), devido à sua tridimensionalidade, salientam-se os edifícios públicos, sendo eles de carácter religioso, político ou social. No primeiro mapa, destacam-se edifícios como o Paço Episcopal, a Câmara Municipal, o Hospital de São Marcos, o Colégio de S. Paulo, os Estudos Públicos e a Muralha Medieval. Além destes edifícios, ainda se destacam outros como as igrejas e capelas e elementos que constituem a organização do espaço público, como chafarizes, cruzeiros e fontes. Já no segundo mapa, podemos visualizar um processo de crescimento da cidade, principalmente na zona exterior à muralha, onde sobressaem os edifícios públicos, o sistema defensivo com grande detalhe e, na periferia urbana, as construções religiosas.

No *Mappa da Cidade de Braga Primas* (1755), distinguem-se os diferentes tipos de construções e espaços livres, sendo estes públicos e de carácter religioso, por exemplo o Campo da vinha e a Sé.

A *Planta da Cidade de Braga* (1854), o mapa de *Braga Pitoresca ou a Verdadeira Cyntra do Norte* (1858) e o *Mapa de Arquitetura de Braga* (2014) são as cartografias com maior desataque de elementos marcantes na legenda dos mesmos, tendo 45, 36 e 94 elementos arquitetónicos realçados entre edifícios e espaços urbanos emblemáticos, respetivamente. Na *Planta da Cidade de Braga* (1854), o autor enfatiza, na sua representação, os edifícios de carácter religioso, encontrando-se estes ligeiramente mais escurecidos do que os restantes e com uma cruz. No mapa de *Braga Pitoresca ou a Verdadeira Cyntra do Norte* (1858), temos como referência a planta anteriormente mencionada, baseando-nos na legenda, apesar de esta estar ilegível e não se poder classificar concretamente os edifícios e espaços públicos nela destacados. Com isto, pensamos que o autor adota o mesmo método de classificação para os edifícios de carácter religioso, com tonalidades escuras. Deste modo, e de acordo com

³⁰ Lynch, Kevin. *A Imagem da Cidade*, 2014, p.81 e 82.

a sua localização, podemos decifrar alguns deles, sendo parte deles comuns aos mapas e plantas anteriores. No *Mapa de Arquitetura de Braga* (2014), para além das 94 obras destacadas, realçam ainda “6 espaços urbanos” e “6 conjuntos urbanos”. Para além disso, os autores ainda diferenciam os mesmos com cinco cores, de acordo com as épocas de construção, encontrando-se a maior parte na zona histórica da cidade, como se tem vindo a constatar ao longo das análises aos diversos mapas e plantas - construído até ao século VIII (castanho), do século VIII a 1505 (rosa), de 1505 a 1850 (violeta), de 1850 a 1940 (roxo) e, por fim, de 1940 a 2003 (azul).

Seguidamente, na *Planta da Cidade de Braga* (1868), os elementos destacados através da legenda são edifícios e espaços urbanos, mas apenas os de carácter religioso se encontram marcados com uma cruz no mapa, contendo a referente numeração. Esta legenda é muito semelhante à legenda referente à *Planta da Cidade de Braga* (1854), embora esta destaque menos locais, cerca de trinta e nove, de acordo com o título *Planta Topográfica da Cidade de Braga* (1884).

Tal como já mencionei anteriormente, existem mapas e plantas em que não é feita qualquer referência, nem dado destaque a nenhum edifício ou espaço público da cidade. Duas delas são a *Planta Topográfica da Cidade de Braga* (1884) e o *Mapa da Cidade de Braga* (1968). Na planta, apesar de não existirem destaques, encontra-se representado o edificado presente na zona urbana e rural da cidade e, no mapa, podemos constatar que, devido à concentração de edifícios e à evolução da cidade, que as construções com mais história são as que se destacariam nessa época, situando-se no centro histórico da cidade, no núcleo central. Além disso, e de acordo com a finalidade do *Plan D'Aménagement et D'Extension de Braga* (1946) e do *PDM* (2013), também não é feita qualquer referência a edifícios e espaços emblemáticos, no entanto surge representado no centro da cidade todo o seu edificado. Tal como o nome indica, é uma proposta para melhorar e definir novas estratégias para eliminar os pontos negativos encontrados na zona urbana e rural da cidade. Desta forma, no *PDM* não é feito qualquer destaque na representação, nem em legenda, a edifícios ou locais destacados, como no *Plan D'Aménagement et D'Extension de Braga* através da legenda.

Por fim, no *Mapa Turístico de Braga* (2018), apercebemo-nos que a maioria do edificado destacado aparece, sobretudo, no centro histórico e é maioritariamente de carácter religioso, espelhando, assim, para quem visita Braga que a mesma vive ou viveu da religião, dada a quantidade de igrejas, mosteiros e capelas por metro quadrado.

Depois desta análise, é possível inferir que existem alguns edifícios como a Sé Catedral, o Paço Episcopal, a Igreja e o Convento do Póculo, a Biblioteca, entre outros, que aparecem frequentemente salientados nos referentes mapas. O principal elemento neles destacado é a Sé de Braga que aparece salientado deste 1594 até 2018.

Legenda/Orientação

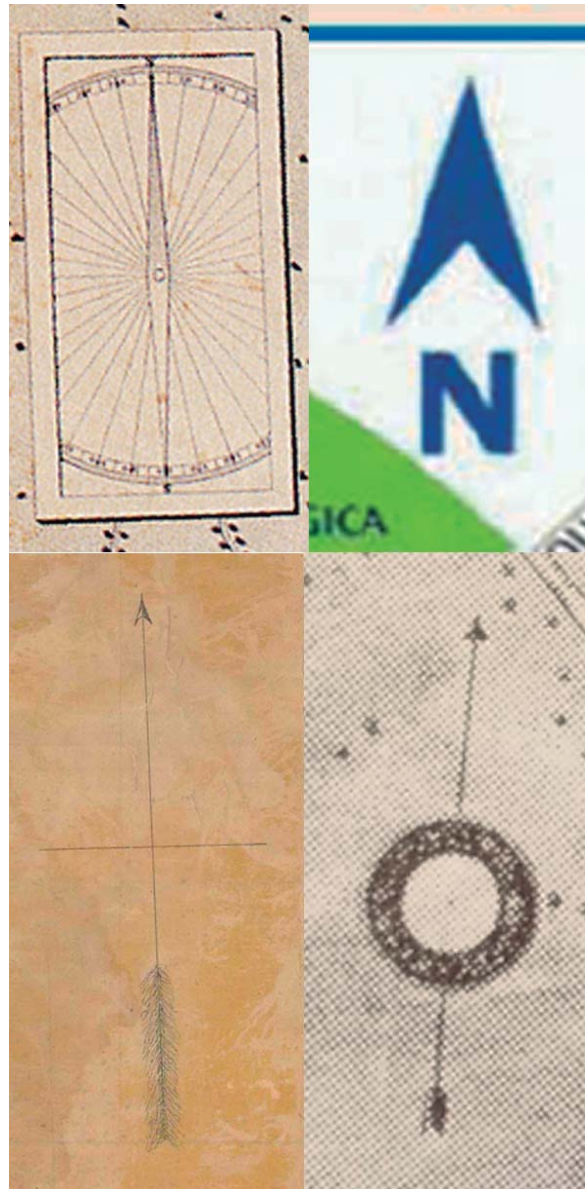


Figura 7-Legenda/Orientação (montagem de Elsa Gonçalves), a partir da colagem de fragmentos presentes na *Planta da Cidade de Braga* (1854) de Belchior José Garcez e Miguel Baptista Maciel, no *Mapa Turístico de Braga* (2018) de Autor Desconhecido, na *Planta da Cidade de Braga* (1868) do Engenheiro Joaquim Pereira da Cruz e no mapa *Braga Pitoresca ou a Verdadeira Cyntra do Norte* (1858) de Joaquim Silva Pereira Caldas.

Os mapas são um elemento de comunicação, expressam um determinado local ou região. Neste sentido, devem conter elementos que facilitem a sua leitura e comunicação, tais como título, escala, coordenadas, localização e orientação. Para além disso, um elemento fundamental são as legendas, que são compostas pelos diversos símbolos geográficos. A simbologia existente na legenda permite que qualquer pessoa, independentemente do país de origem, possa ler o mapa. Esta mais-valia presente nos mapas advém de uma norma mundial, em que os símbolos, cores, escalas, traçado, entre outros, correspondem a simbologia determinada pela I.O.F (Federação Internacional de Orientação).³¹

Quanto à orientação destes mapas, e tendo em conta que alguns deles não fazem referência na ilustração quanto à mesma, e por comparação das diversas cartografias, podemos concluir que se encontram orientados a Norte.³² Nas cartografias que contêm a representação do Norte Geográfico, encontramos uma diversidade de símbolos, rosa de ventos, setas, entre outros, que clarificam e demonstram o evoluir da representação quanto à orientação.

A gravura referente ao *Mapa de Braunio* é intitulada de *nova Bracaræ Auguste delcriptio* e contém uma série de anotações significativas.

A maioria dos mapas e plantas contém a legenda dos elementos representados e destacados, o seu traçado e ainda a sua escala gráfica.

No *Mapa de Braga* (1693), apenas estão presentes legendas em alguns pontos da representação, sendo estes o Campo da Vinha, S.^a Anna, Los Touros, Sé e S. Tiago. Deste modo, não existe qualquer legenda que identifique o edificado emblemático, que se encontra mais destacado e realçado tridimensionalmente na gravura. A representação da cidade intitula-se como *Mappa da Cidade de Braga Primas* (1755), destacada com uma moldura situada no canto inferior direito. Encontramos outra legenda, no canto inferior oposto, sob o título *Templos*, que menciona trinta construções, sendo estas edifícios de carácter religioso evidentes na cidade, onde constam igrejas e recolhimentos religiosos. Além disso, ainda são visíveis anotações toponímicas, como nomes de ruas e praças, que ajudam a identificar o espaço urbano da cidade setecentista. E, por fim, no centro inferior do mapa, podemos encontrar a orientação do mesmo, com o desenho de uma rosa dos ventos.

A planta que se segue, intitulada *Planta da Cidade de Braga* (1854), contém a sua identificação na legenda principal, localizada no canto inferior esquerdo, onde, também,

³¹ "Legenda de Um Mapa" (Consultado em 2 de Janeiro de 2019). Disponível em WWW: <URL: http://www.fpo.pt/o_que_e/mapas_legenda.html

³² Todos os mapas foram fornecidos pela Câmara Municipal de Braga em formato digital, exceto o Mapa de Arquitetura de Braga (2014) e o Mapa Turístico de Braga (2018).

enuncia os autores da mesma e, por último, os quarenta e cinco “edifícios mais notáveis” e emblemáticos da cidade. Ainda deste lado do mapa, podemos encontrar a orientação do mesmo representado através de uma parte da bússola, no canto superior. De seguida, no canto inferior direito, encontramos a escala gráfica do referido mapa, sendo esta de 1: 4000. E, por fim, ainda nos deparamos com a identificação de algumas ruas e praças.

Posteriormente, na planta que se intitula como *Braga Pitoresca ou a Verdadeira Cyntra do Norte* (1858), destaca-se, através da sua legenda situada na parte inferior, trinta e seis locais emblemáticos representados no mapa. Inclui ainda, no canto inferior esquerdo do mapa, uma rosa dos ventos simples com a marcação do Norte e uma representação de uma possível escala gráfica de difícil leitura.

Em 1868, a *Planta da Cidade de Braga*, contém uma legenda explicativa, situada no canto inferior esquerdo, concretamente, a referência a trinta e nove locais emblemáticos e a escala de 1:2000. De seguida, no canto superior esquerdo, encontramos, bastante camuflada na representação da cidade, a sua orientação, ilustrada através de uma sete (cruz).

A planta que se segue não contém legenda, a não ser o seu título *Planta Topografica da Cidade de Braga* (1884), situado no primeiro quadrante superior do referente mapa. No entanto, sabemos que esta planta se encontra à escala 1:500.³³ Esta representação é a primeira que ilustra graficamente as diversas características morfológicas da zona urbana, bem como outras informações em forma de símbolos, cores e textos, o que confere à planta elevado rigor e pormenor, inclusivamente, por abranger toda a zona urbana e rural que a circunscreve.

Em 1946, surge o primeiro plano para a cidade, uma proposta para Braga, tendo em conta diversos parâmetros e a sua imagem, neste caso em particular, um plano de execução e extensão de Braga, tal como se intitula em francês *Plan D'Amengement et D'Entension de Braga*, e é realizada antes do projeto, tal como é referenciado no mesmo. Tendo em conta que a mesma abrange uma extensa área da cidade de Braga, designada como limite de extensão urbana, e representa os diversos estudos em simultâneo e com a mesma cor, tornando a leitura confusa, é necessário legenda, estando esta situada no canto inferior direito, para assim percebermos o seu grafismo e “lermos,” com maior clareza, esta representação da cidade de Braga. Assim sendo, deparamo-nos com uma legenda referente à designação do traçado e outra relativa à rede de escolas primárias, além da escala do mapa, 1:4000.

De seguida, o mapa datado de 1968, fornecido pela Câmara Municipal de Braga, com o título de *Mapa da Cidade de Braga*, está em formato digital de *Autocad* (DWG), na sua

³³ Dados fornecidos pela Câmara Municipal de Braga (28 de Setembro de 2018)

totalidade. Tendo em conta que o estudo se foca no centro da cidade, trabalhei este mapa à escala 1:7000, podendo, desta forma, observar, com mais precisão, os diversos pontos nele representados. No presente mapa, não se encontra qualquer tipo de legenda destacada, apenas a identificação de ruas, bairros, quintas, freguesias/zonas, praças e algum edificado (liceu Sá de Miranda, estação, matadouro municipal, estádio 28 de Maio, piscina, entre outros).

Em 2013, temos um novo plano para a cidade de Braga, intitulado como *Revisão do Plano Municipal*, da Câmara de Braga, e também conhecido como *Plano Diretor Municipal (PDM)*. Neste sentido, encontramos uma legenda mais detalhada, na lateral direita, explicando os elementos de representação, estando esta dividida em três grandes grupos: solo rural, solo urbano e limites e infraestruturas viárias. Dentro destes, há pequenos grupos. Os primeiros dois grupos encontram-se organizados ao longo de diversos núcleos, sendo eles espaços agrícolas, espaços florestais, espaços residenciais, espaços verdes, entre outros, e, no terceiro grupo, encontram-se planificados por infraestruturas viárias e limites, que explicam e sintetizam toda a representação e objetivo deste mapa. Além disto, ainda encontramos a marcação do Norte e a escala de representação, 1:10 000, situada ao centro, na lateral inferior.

Em 2014, temos o mapa intitulado como *Mapa de Arquitetura de Braga*, que abrange a cidade de Braga e dando enfoque ao centro histórico. O primeiro mapa que abrange a totalidade da cidade encontra-se representado à escala 1:10 000, fazendo-nos perceber a organização da cidade na zona urbana e na zona rural envolvente ao centro histórico, que se encontra representado num segundo mapa, mais centralizado e aproximado, à escala 1: 5000. No entanto, em ambos os mapas, o grafismo e o detalhe são o mesmo, apenas introduzem o nome das ruas, praças e lugares.

Por fim, encontramos o mapa intitulado como *Mapa Turístico de Braga (2018)*, um mapa da atual imagem da cidade de Braga, expressa na cartografia, para quem visita e adquire o mapa. Este destaca, na sua lateral esquerda, os ícones presentes ao longo do mapa, com a sua devida identificação, e ainda faz referência à legenda da via circular, das vias principais, da zona pedonal e, por fim, inclui um pequeno quadro com a localização genérica deste território em Portugal. De seguida, é apresentada uma legenda na lateral inferior, que destaca alguns locais como museus, polícia, bombeiros, hospital, estação de comboios, parque de campismo, via pedonal circulável, entre outros. Além destas legendas, ainda é visível a designação das ruas, praças, zonas verdes, entre outras, no presente mapa. Para além disso, inclui a orientação do mapa, a Norte, representado através de uma pequena seta, situada no canto superior esquerdo, e a escala 1:10 000, no canto inferior da lateral direita.

Desenho/Gravação/Impressão

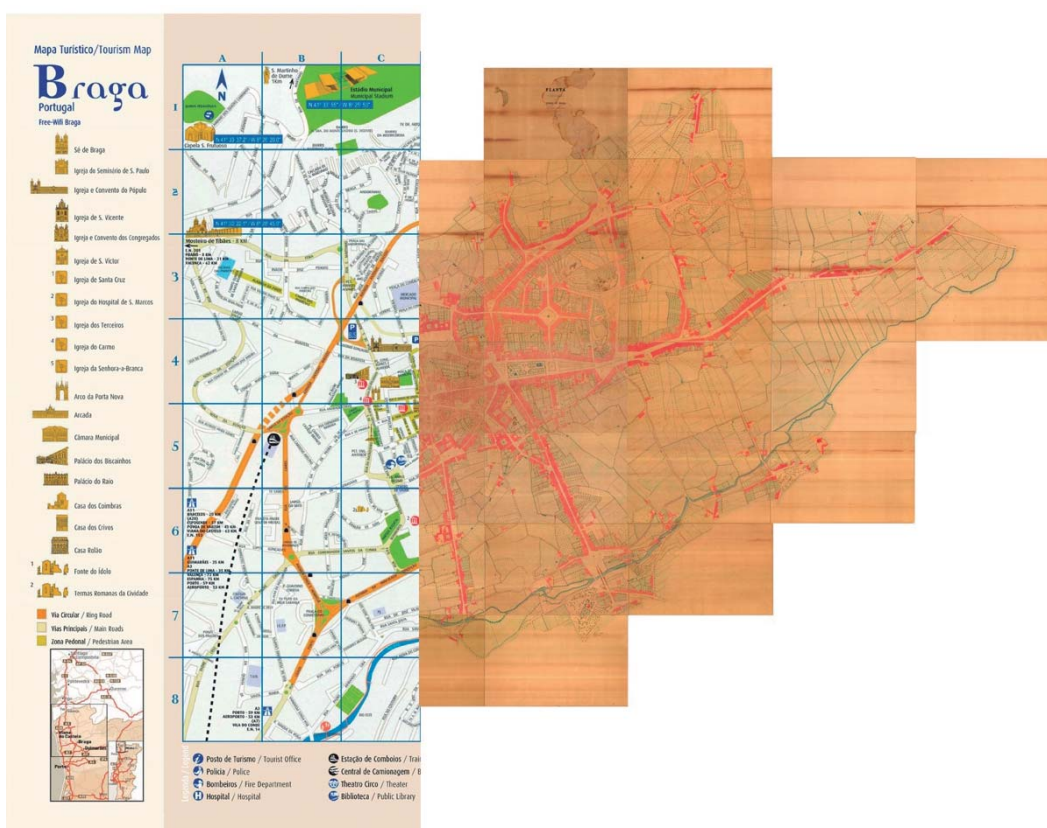


Figura 8- Desenho/Gravação/Impressão (montagem de Elsa Gonçalves), a partir da colagem de fragmentos do *Mapa Turístico de Braga* (2014) de Autor Desconhecido e da *Planta Topográfica da Cidade de Braga* (1884) de Francisque Goullard.

As técnicas de desenho, gravação ou mesmo de impressão, de uma cartografia demonstram a evolução dos tempos e as formas de comunicação existentes até então, presentes na representação de uma cidade ou território. Neste sentido, podemos encontrar diferentes metodologias, desde o desenho à mão ao desenho computadorizado, e, mais recentemente, em formato digital (*Google Earth*) e sob ecrã.

Nos dois primeiros mapas, *Mapa de Braunio* (1594) e *Mapa de Braga* (1693), visualizamos aparentemente dois desenhos feitos à mão com pouco rigor, apresentando algumas imperfeições, quando mostram o território tridimensionalmente, através do alinhamento entre as ruas e a organização do edificado com o espaço público, visto tratar-se de uma perspetiva, como podemos observar principalmente no *Mapa de Braga* (1693).

Analisado o *Mappa da Cidade de Braga Primas* (1755), fica a dúvida se o mapa se trata de um desenho feito à mão como os anteriores ou de uma gravura, isto porque, se o relacionarmos com os anteriores, ainda apresentam elementos em comum, como a representação tridimensional/perspetiva de determinados elementos, mas, por outro lado, há um maior rigor e cuidado na ilustração da cidade de Braga.

Os restantes mapas até 1946 (*Plan D'Amegement et D'Entension de Braga*) aparentam ser gravuras dada a expressão, o rigor, o pormenor e o detalhe neles realçados, sendo que alguns deles apresentam maior ou menor informação topográfica e arquitetónica, como podemos comprovar, comparando a *Planta da Cidade de Braga* (1868) com a *Planta Topográfica da Cidade de Braga* (1884).

Por fim, os quatro últimos mapas, desde 1968 (*Mapa da Cidade de Braga*) até 2018 (*Mapa Turístico de Braga*), recorrem ao computador, tendo uma base topográfica em formato digital, rigorosa, com os detalhes e medidas necessárias, para assim construir a imagem/desenho que pretendem transmitir quando observaram a cidade de Braga, realçando os diversos elementos a destacar através de cores, simbologias, traçado e legendas, toda a informação pretendida.

Assim sendo, neste conjunto de doze mapas, encontramos três tipologias de técnicas de desenho/gravação/impressão, sendo elas, o desenho à mão, a gravura e o desenho computadorizado. Desta forma, mostra-se e realça-se o avançar e o evoluir dos tempos e das técnicas de impressão ao longo dos anos, bem como dos meios existentes para conseguir reproduzir um mapa.³⁴

³⁴ Com isto, reparamos que a acessibilidade e a produtividade ao mapa turístico, têm vindo a crescer, recorrendo ao desenho computadorizado, o que facilita a utilização e, ainda, o seu baixo custo ou gratuidade.

Capítulo 2.OS BILHETES-POSTAIS DA CIDADE DE BRAGA (de 1900 a 2018)

(195...) (postal 206)



Portugal-Braga-Templos do Hospital e St. Cruz (193...) (postal 80)



Braga-Praça da Republica (193...) (postal 157)



Vista da Fábrica Saboaria e Perfumaria Confiança-Braga (193...) (postal 221)



(PORTUGAL) Braga-Arcada, centro da cidade (2018) (postal 297)



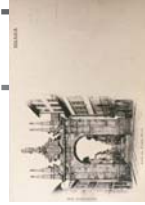
Braga-Portugal (2018) (postal 305)



Braga-Casa existente na rua de S. Marcos (rotulas e adufes do séc.XVII) (19...) (postal 81)



Braga-Arco da Porta Nova (19...) (postal 8)



1600

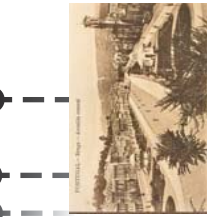
1700

1800

1850

2000

1919



Portugal-Braga-Avenida Central (191...) (postal 172)



Braga-Arco da Porta Nova (192...) (postal 12)



BRAGA-PORTUGAL Sé Catedral (2017) (postal 294)



FOTOGRAFIA

"Um homem propõe-se à tarefa de desenhar o mundo. Ao longo dos anos, povoa um espaço com imagens de províncias, de reinos, de montanhas, de baías, de naus, de ilhas, de peixes, de moradas, de instrumentos, de astros, de cavalos e de pessoas. Pouco antes de morrer, descobre que esse paciente labirinto de linhas traça a imagem de seu rosto."

Jorge Luís Borges

Em cada cidade, deparamo-nos com locais de características únicas e identitárias, que vão desde os edifícios ao pavimento em calçada. Com a evolução dos tempos, mereceram o devido destaque e realce, e, como tal, o clique do fotografar é o processo mais simples e realista para retratar a imagem de uma cidade e a sua arquitetura, que se encontram em constante transformação, devido à evolução dos tempos.

A imagem de uma cidade é algo que a define e caracteriza. O ser humano cria essa imagem através de fotografias, gravuras ou desenhos, acabando por construir, no seu imaginário, uma imagem urbana do território, apesar de "cada indivíduo ter uma imagem própria e única que, de certa forma, raramente ou mesmo nunca é divulgada, mas que, contudo, se aproxima da imagem pública"³⁵. Cada um de nós tem uma imagem de referência de cada cidade no seu imaginário, sendo esta muito própria e identitária, porque, apesar de tudo, não nos baseamos apenas e só em imagens, mas também numa série de outros fatores como, por exemplo: a sua história, o seu nome, a sua localização, a sua dimensão, entre outros. Este processo torna assim a imagem da cidade bastante completa e apelativa.

A fotografia é uma arte e a sua imagem propõe leituras. O fotógrafo, ao observar um determinado edifício ou local, faz uma releitura de algo que já foi criado, ou seja, uma obra realizada por outra pessoa. No entanto, é de salientar que o trabalho do fotógrafo, ao ler o que observa, ajuda a destacar e a apresentar a arquitetura daquele local, tendo em conta que o mesmo capta esses edifícios ou locais públicos, segundo vários parâmetros, como, por exemplo: ângulos, luzes, cores, formas, composição, entre outros.

Podemos dizer que a fotografia ajuda no entendimento da arquitetura. Se pensarmos como estudantes desta área, reparamos que a maior parte dos exemplares arquitetónicos que estudamos e que conhecemos ao longo da formação, foram avaliados através de imagens,

³⁵ Lynch, Kevin. A Imagem da Cidade, 2014, p.51.

de que falamos, por isso, o modo de pensar e representar o espaço é muito importante e está tão presente nos dias atuais. Neste sentido, deparamo-nos com uma arquitetura cada vez mais divulgada com o apoio à fotografia, acabando por revolucionar a crítica arquitetônica. A imagem da cidade destacou-se e foi mais divulgada com o recurso à fotografia como meio de comunicação e imagem. Ao longo dos tempos, com o evoluir e com o associar destas duas áreas (arquitetura e fotografia), podemos encontrar artistas com os dois tipos de formação, trabalhando assim a fotografia da arquitetura, como Peter Stewart, Haruo Mikami e Mike Hollman.

A fotografia como modo de representação das cidades e como imagem/fotografia de rua tem algumas referências como Eugène Atget, Louis Daguerre e Ezra Stoller, artistas que marcaram o processo e a evolução da fotografia nestas duas vertentes. Louis Daguerre era um pintor e físico francês, para muitos o pai da fotografia, reconhecido pela invenção do processo de fotografia daguerreótipo³⁶ que a desenvolveu, concentrando-se nas propriedades dos sais de prata sensíveis à luz, após a morte de Joseph Nicéphore Niépce, em 1833.³⁷ Mais tarde, Eugène Atget um fotógrafo francês, um dos mais importantes na história, revolucionou a fotografia com o seu olhar desviado do ser humano, em que fotografava o vazio das ruas parisienses. Especializou-se em vistas quotidianas e postais parisienses e a sua genialidade influenciou os surrealistas. Durante 25 anos, carregou pela cidade a sua câmara, um tripé de madeira e uma caixa de placas fotográficas, desprezando a fotografia convencional e iniciando a fotografia urbana. Em 1926, Berenice Abbot recolheu as suas obras e os seus negativos, tendo sido publicados por Camille Rechet num volume. Já as fotografias foram exibidas, no mesmo ano, pela Berenice Abbot, na exposição “La Révolution Surrealiste”. No entanto, o reconhecimento do seu trabalho não se deu em vida, pois Atget morreu em 1927.³⁸ Por fim, temos Ezra Stoller, que estudou arquitetura em NYU (New York University). Ainda como estudante, começou a fotografar edifícios. Em 1942, foi fotógrafo no centro de fotografia do corpo de sinal do exército, e após a segunda guerra mundial, continuou a sua carreira como fotógrafo de arquitetura. Quarenta anos depois, tornou-se conhecido pelas suas imagens de edifícios. Stoller fotografou por dentro e por fora, com um ponto de vista unificado

³⁶ Daguerreótipo- “Primeira forma bem sucedida de fotografia, nomeado por Louis-Jacques-Mandé Daguerre em França, que inventou a técnica em colaboração com Nicéphore Niépce na década de 1830. Daguerre e Niépce descobriram que, se uma placa de cobre revestida com iodeto de prata fosse exposta à luz em uma câmara, então fumegada com vapor de mercúrio e fixada (tornada permanente) por uma solução de sal comum, uma imagem permanente seria formada. Um grande número de daguerreótipos, especialmente retratos, foi feito em meados do século XIX; a técnica foi suplantada pelo processo de colódio húmido”. (Consultado em 27 de Dezembro de 2018) Disponível em WWW: <URL: <https://www.britannica.com/technology/daguerreotype>

³⁷ “Louis Daguerre” (Consultado em 27 de Dezembro de 2018) Disponível em WWW: <URL: <https://www.britannica.com/biography/Louis-Daguerre>

³⁸ “Eugène Atget” (Consultado em 27 de Dezembro de 2018) Disponível em WWW: <URL: <https://www.britannica.com/biography/Eugene-Atget>

e imagens bem compostas, onde criou narrativas visuais, movendo-se dentro e ao redor do espaço, descrevendo estrutura, material e uso.

“Muitos edifícios modernos são reconhecidos e lembrados pelas imagens que Stoller criou, pois ele era capaz de visualizar as aspirações formais e espaciais da arquitetura moderna. Durante a sua longa carreira como fotógrafo de arquitetura.”³⁹ (fotografia “Museu Guggenheim, Nova Iorque NY, Frank Lloyd Wright, Arquiteto; 98U.001”, de Ezra Stoller)

Este tipo de fotografias (representação das cidades e fotografia de rua) tem vindo a evoluir com o avançar dos tempos, como podemos comprovar através dos autores mencionados, acompanhando os processos de impressão da fotografia e o evoluir da tecnologia (digital). Inicialmente, encontrávamos estas tipologias de fotografias mais marcadas em bilhetes-postais, na qual ainda podemos encontrar alguns exemplares em lojas de lembrança. No entanto, com o evoluir das tecnologias, encontramos estas categorias de fotografias em formato digital na *internet* (sites, blogs, entre outros) e sobretudo nas redes sociais, como, por exemplo, no *Instagram*.

Tanto nos bilhetes-postais como na carta de correio, ocorreram processos de normalização dos formatos, de forma a facilitar a produção e a circulação através dos serviços de correios, contendo assim um formato com as dimensões de 14 x 9 cm, muito parecido com o das cartas escritas, e praticamente com as mesmas dimensões das imagens do formato *cabinet* ou *álbum* fotográfico.⁴⁰

O bilhete-postal relativamente à tradição de produção de imagens tem um papel importante que foi o querer conferir uma nova identidade, ligando duas formas de comunicação que circulavam, de forma independente, a imagem e o texto, enviados separadamente, mesmo que fossem na mesma carta.

Nos primeiros postais, onde foram introduzidos estes dois componentes no mesmo suporte, a imagem não se tornou um elemento meramente decorativo, mas sobretudo uma representação de comunicação visual, com um valor, sentido e intenção. Com o avançar dos tempos, a imagem nos postais aumentou, vindo a ocupar a totalidade de um dos lados. Decorrente desta evolução e alteração, o lado onde se escrevia os dados do remetente e onde continha o selo dos correios passou para o lado da correspondência, ou seja, para o verso do mesmo. Assim sendo, o verso do postal teve que ser organizado de outra forma e foi a partir de 1904-1905 que o verso foi dividido por uma linha designada *credit line*, para que

³⁹ “Ezra Stoller” (Consultado em 27 de Dezembro de 2018) Disponível em WWW: <URL: <http://ezrastoller.com/biography>

⁴⁰ Araújo, Nuno Borges. A Fotografia e o Postal Ilustrado: origens e Influências, p.67.

a mesma pudesse conter impresso o nome do editor, do fotógrafo ou do fabricante. No caso de postais fotográficos, o lado esquerdo era para a mensagem, o lado direito para o nome e morada do destinatário e ainda para o selo dos correios.⁴¹ Deste modo, esta formatação da frente e do verso do bilhete-postal permitia que quem escrevesse a mensagem fosse aliciado visualmente pela imagem e completando a mesma, de forma às duas se complementarem e não serem dois componentes diferentes como inicialmente.

A circulação dos postais fotográficos como meio de comunicação mostra e realça o olhar atento sobre os lugares, até porque as imagens destacadas nos postais não são meras representações, nem foram selecionadas aleatoriamente. *“Em certos casos, são a fixação num clichê da traça de uma cidade, ou então de um dos seus motivos: monumento, rua, miradouro, paisagem, uso e costume”*⁴². Cada bilhete-postal tem uma intenção e um objetivo quando foi pensado pelo autor, seja para mostrar culturas, tradições ou o edificado mais destacado da cidade.

Se pensarmos na multiplicidade de imagens que aparecem nos postais, presentes nas lojas de lembranças, são confinados segundo um modelo selecionado que conferem os padrões visuais e identitários da cidade que um grupo de comerciantes e observadores obtiveram, e que se tornam hoje como grandes motivos de eleição dos locais emblemáticos e destacados da cidade, de visita obrigatória, passando assim a ser estas imagens os ícones da cidade, da sua cultura, do seu património e das suas tradições.

Através dos bilhetes-postais que retratam o edificado, vemos a cidade de outra forma, a cidade segundo diversos pontos de vista, dos olhares de cada observador quando visualizou a cidade e elaborou estas imagens. Em postais que retratam o espaço público, continuamos a ver a cidade de outra forma, mas agora tendo em conta outros aspetos. Neste tipo de postais, é possível ver a organização do espaço (cheios e vazios), a presença do ser humano, entre outros. No entanto, as intenções e os objetivos permanecem idênticos, continuam a querer mostrar a imagem da cidade de Braga através dos edifícios ou espaços públicos mais emblemáticos e destacados de acordo com as raízes da cidade, sejam eles de carácter social, religioso, público ou privado, e tenham sido as imagens tiradas por fotografias, litografia⁴³ ou fototipia⁴⁴.

⁴¹ Araújo, Nuno Borges. A Fotografia e o Postal Ilustrado: origens e Influências, p.68.

⁴² Martins, Moisés de Lemos. Os Postais Ilustrados na Vida da Comunidade, 2017, p.31.

⁴³ Litografia ou litogravura- é uma “arte de desenhar e escrever em pedra, para obter reproduções em papel”. (Consultado em 30 de Dezembro de 2018) Disponível em WWW: <URL: <https://dicionario.priberam.org/litografia>

⁴⁴ Fototipia- é uma “reprodução de trabalhos tipográficos por meio de fotografia” e foi um processo fotomecânico de impressão utilizado em oficinas de artes gráficas. (Consultado em 30 de Dezembro de 2018) Disponível em WWW: <URL: <https://dicionario.priberam.org/fototipia>

Há imagens que mostram mais amplitude/ângulo visual da cidade, em que não se foca um monumento apenas, mas mostram um alinhamento/vista, um largo, uma praça, uma rua, tradições, culturas e o “dia a dia da cidade”.

Cada postal pretende ser único, ficando retida a sua intenção na realização do seu autor, contudo cada um tenta retratar o mesmo edifício ou espaço público, mostrando perspectivas e/ou pontos de vista diferentes, que, por vezes, se encontram mais escondidos a quem passa naquele local diariamente, no entanto, foram realizados por observadores distintos e com características diferentes, ou até visualizados de perspectivas diferentes.

A maioria dos postais em análise seguem as normas, tendo como medidas as dimensões padrão (15 x 10 cm), apresentando, na parte frontal, a imagem do que pretendem retratar e, no seu verso, em branco, apenas com a marcação para a colocação do selo, marcação de linhas para identificação do destinatário e, por fim, um espaço em branco para escrever a mensagem pretendida. Entre o espaço para a mensagem e para a identificação do remetente, por vezes, encontra-se uma linha a dividir e a marcar os mesmos, encontrando-se nela a identificação da editora que produziu o postal.

Na parte frontal, a imagem pode ser expressa de diversas formas ocupando ou não a totalidade do cartão-postal, sendo que a maioria abrange a totalidade do mesmo. Alguns dos postais contêm a identificação do local e a data do que demonstram no mesmo, podendo esta encontrar-se na frente ou no verso do bilhete-postal. Quanto à orientação dos postais, estes podem ser horizontais ou verticais, sendo que os verticais são mais usados, por norma, quando tencionam mostrar elementos subtis.

O verso do postal destina-se à parte de escrita, encontra-se, desta forma, mais vazio, contendo apenas as marcações para se escrever a breve mensagem, tendo em conta a dimensão do postal e a finalidade com que o mesmo foi criado.

No entanto, ainda é possível encontrar postais que, na frente, contêm algo escrito.

Ao longo do tempo e com o evoluir da tecnologia e impressão, começamos a deixar de ver e encontrar apenas postais a preto e branco, sépia, verde e azul, e começamos a encontrar postais a cores, a partir dos quais, é possível visualizar determinado monumento com mais detalhe e pormenor. Hoje em dia, ainda podemos encontrar postais nas lojas de lembranças, mas já não é um elemento usado e adquirido com frequência para assumir o seu papel de transmissão e envio de uma mensagem, como há umas décadas atrás. Quando é adquirido, assume como função uma imagem de recordação de um determinado local.

O postal ilustrado teve um forte impacto no sistema de correspondência no início do século XX, tendo funcionado como breves comunicações de mensagens. Para além disso, o bilhete-postal foi particularmente importante pelas imagens que destacou, nomeadamente as paisagens turísticas e o seu edificado.⁴⁵

Foi a partir de 1860 que se iniciou uma produção mais frequente de cartões de visita fotográficos (10 x 6,3 cm) que se estava a estabelecer nas principais cidades portuguesas. Neste formato, não se produziam apenas retratos, mas também reproduções de monumentos, vistas urbanas e paisagens humanizadas que foram comercializadas pelos fotógrafos. Dada a reduzida dimensão dos cartões ou bilhetes de visita e a fraca visualização, foi introduzido, no mercado estrangeiro, um novo formato com dimensões maiores (17 x 11 cm com fotografia a 15 x 10 cm), que veio a ser designado por *cabinet card*.⁴⁶ As fotografias no formato de *carte-de-visite* como no formato *cabinet* ou *álbum* continuaram a ser produzidas em Portugal até à primeira década do século XX. No entanto, este último formato foi substituído por outro com dimensões aproximadas, na qual foi dado o nome de formato postal.⁴⁷

Nesta categoria referente aos postais que representam a imagem do edificado e do espaço público do centro histórico da cidade de Braga, alguns impressos em livro enquanto outros encontrados e comercializados nas lojas de lembranças existentes no centro da cidade de Braga, encontramos diversificados tipos de bilhetes-postais, datados desde 1900 a 1950, 2017 e 2018. Neles visualizamos imagens exclusivas da cidade, que retratam a arquitetura, através do seu edificado, mostrando a sua história, a sua cultura e o seu património emblemático, daí, os postais serem tão importantes na análise da imagem da cidade de Braga.

As imagens presentes nos bilhetes-postais fotográficos, por vezes, também surgem por “encomenda”, quando determinadas figuras importantes se deslocam à cidade.⁴⁸ Deste tipo de imagens, destacam-se ainda os enquadramentos, onde sobressaem os edifícios de maior destaque visual e valor patrimonial, sendo a maioria dos postais de contexto arquitetónico e urbanístico. No entanto, além deste destaque, quem visitava Braga também tinha como foco a Sé de Braga, “nas suas diferentes perspetivas que batem em antiguidade as demais Sés do

⁴⁵ Martins, Moisés de Lemos. Os Postais Ilustrados na Vida da Comunidade, 2017, p.27.

⁴⁶ Araújo, Nuno Borges. A Fotografia e o Postal Ilustrado: origens e Influências, p.61 e p.62.

⁴⁷ Idem p.63.

⁴⁸ Como foi no caso do fotógrafo Antero Seabra, quando realizou uma “foto reportagem” aquando de uma visita à cidade. (Braga Bandeira, Miguel Melo. “A Paisagem Urbana através dos Postais Ilustrados”, 2011, p.3.)

Pais”⁴⁹. Ainda assim, os restantes edifícios religiosos não passaram indiferentes, dado o seu valor artístico e simbólico.

Com os postais fotográficos, é-nos possível lembrar períodos históricos esquecidos e assim analisar a evolução e construção de toda a área urbana da cidade de Braga. Temos a possibilidade de retratar a identidade da cidade através deles, apercebendo-nos de elementos arquitetónicos (edifícios, praças, entre outros) que mais se têm vindo a destacar ao longo dos tempos até aos dias de hoje, tendo em conta que vários deles se encontram subterrados, principalmente os referentes à época romana.

Assim, é-nos possível adivinhar o passado de alguns locais de Braga, mas nem todos são visíveis na cidade, nem em postais fotográficos. Tendo em conta que Braga é uma das cidades mais antigas de Portugal e bastante cristã, como podemos comprovar através das igrejas, mosteiros e capelas existentes. Considerando que Braga foi fundada no tempo dos romanos, parte da construção desta povoação acabou por ficar submersa com o evoluir da cidade.

Nesta análise, temos como base os postais já referidos anteriormente. Analisamos e selecionamos doze postais da amostra referentes aos anos de 1900 a 1950, 2017 e 2018, mostrando os diversos aspetos e características neles encontrados. Ao longo do estudo, de resto, comprovamos que a imagem da cidade pode ser expressa de diversas formas, tendo em conta a perspetiva, a posição do observador, a legenda, entre outros.

No entanto, a imagem de uma cidade não se construiu apenas de fotografias impressas nos bilhetes-postais. Hoje em dia, a imagem de uma cidade vive muito das tecnologias e do evoluir das mesmas, nomeadamente das redes sociais, do que os utilizadores publicam. E decorrente disto, não poderíamos deixar de mencionar uma das redes sociais que se centraliza em fotografias, o *Instagram*. É através desta rede social que temos uma reflexão distanciada de inúmeros locais ou cidades, sem os irmos visitar. É através dessas imagens que criamos a nossa imagem daquela cidade. Daí, as tecnologias, nomeadamente as redes sociais, serem tão importantes na perceção e na criação da imagem de uma cidade

⁴⁹ Bandeira, Miguel Melo. A Paisagem Urbana através dos Postais Ilustrados, 2011, p.5.

Sub-capítulo 2.1 e 2.2

Perspetiva



Figura 10-Perspetiva (montagem de Elsa Gonçalves), a partir da sobreposição dos Bilhetes-Postais 145 e 149 da Arcada da década de 1900 e de 1910.

A fotografia é um veículo visual que tenta representar de forma bidimensional uma realidade com três dimensões. Um fotógrafo deve ter em conta os fatores que mudam a percepção da perspectiva na imagem, nomeadamente o ponto de vista, a distância focal e a luz/sombra, dada a influência que contêm na composição de uma imagem. O ponto de vista do fotógrafo ou do observador na maioria das fotografias é feito ao nível do olhar, o que não está errado ou incorreto, no entanto faz com que essas imagens sejam comuns, pouco surpreendentes e sem uma mensagem visual apelativa.⁵⁰

Subir ou descer o ponto de vista da imagem faz com que o ângulo entre as linhas paralelas se modifique, originando maior ou menor convergência entre elas, transformando-as em linhas diagonais, consoante o motivo fotográfico da imagem. Uma aproximação ou afastamento ao motivo que se encontra em primeiro plano faz com que este aumente ou diminua relativamente aos elementos em segundo plano. Com isto, um simples fletir dos joelhos para adotar um ponto de vista mais baixo pode encaminhar a um resultado invulgar, realçando o primeiro plano, e fazendo com que o observador inicie a leitura da imagem de baixo para cima. Se o inverso acontecer, levantando a câmara acima do nível dos olhos, produz-se o efeito oposto, atribuindo um sentimento de superioridade e fazendo que a imagem seja lida por cima e termine em baixo. Estes pequenos movimentos de descer ou subir a câmara relativamente ao nível dos olhos é como dar um passo para a esquerda/direita ou para a frente/trás. Com efeito, esta ação tão particular gera composições tão distintas do mesmo edifício ou espaço público, por exemplo, alterando significativamente a mensagem visual e a leitura que se tem da imagem.⁵¹

O primeiro ponto de vista que se obtém de um local raramente é a melhor composição. Sempre que está presente um edifício, um espaço público ou qualquer outro motivo fotográfico, é importante nunca ficarmos pela primeira abordagem. Fotografar é um processo iterativo na qual se procura desenvolver o máximo de potencial de uma imagem fotográfica.⁵²

Nesta subcategoria, referente aos postais ilustrados da cidade de Braga, encontramos uma diversidade de postais quanto à organização e enquadramento da imagem. Desta forma, os postais destacam e retratam os edifícios e os espaços públicos mais emblemáticos da cidade e mais ilustrados, abordam e expressam na sua imagem diversos edifícios ou objetos (chafariz, cruzeiro, entre outros) pertencentes e envolventes ao mesmo, que o autor pretende realçar. Assim sendo, e tendo em conta a demasiada informação presente nas imagens, os postais têm, na sua maioria, um dos seus lados, o frontal, ocupado pela imagem. Através dos

⁵⁰ Santos, Joel. Fotografia- Luz, Exposição, Composição, Equipamento, 2010, p.76 e p.77.

⁵¹ Idem, p.76, p.77 e p.78.

⁵² Idem, p.76.

deles, podemos visualizar imagens captadas a eixo, perpendicularmente ao edifício (postal 8), mostrando, desta forma, toda a fachada e “imagem” principal, que, por norma, toda a gente que por ali passa ou visita já conhece, ou imagens que abrangem a totalidade do espaço público a destacar (postal 157), realçando os diversos pontos importantes que o autor pretendia exibir, como, por exemplo organização do mesmo com a restante cidade, conjugação com a envolvente, enquadramento, dimensão e forma.

Neste sentido, e tendo em conta que foi com o evoluir dos tempos e dos bilhetes-postais que a imagem nos mesmos começou cada vez mais a ocupar a totalidade de um dos lados, podemos observar alguns exemplares até então. Pensamos que inicialmente se produziam postais em que apenas um dos lados da parte frontal é que continha a imagem, como podemos visualizar pelo postal 8. Mais tarde, a imagem começou a ocupar progressivamente o restante espaço da parte frontal, ocupando a totalidade da mesma, como podemos observar pelos restantes postais seleccionados (postal 12, 80, 81, 157, 172, 221, 281, 297, 299 e 305), apesar de o postal 305 ser uma montagem de três imagens numa só, destacando, desta forma, três edifícios diferentes da cidade de Braga.

É a partir de 1910 que se começa a encontrar postais com moldura a envolver a imagem, como acontece, por exemplo, nos postais 80 e 305, embora seja em menor quantidade. A moldura em volta da imagem faz com que estas tenham outro destaque e realce para quem as observa, podendo esta até ser bastante ilustrativa e com padrão, como podemos visualizar no postal 305.

Nos postais em análise, o edificado e o espaço público por eles destacados encontram-se maioritariamente centrados no bilhete-postal, enfatizando o que autor pretendia realçar. Contudo, existe uma exceção no postal 206, em que a imagem ocupa a parte superior do referente lado, e apenas é deixado uma faixa em branco por baixo da mesma, para outros tópicos que serão referidos posteriormente.

Relativamente ao enquadramento/localização do observador, nos postais 8, 12, 80, 206, 299 e 305, contemos o autor a fotografar no piso térreo. No postal 8, observa frontalmente o edifício, apresentado apenas na imagem a sua fachada e o início dos edifícios envolventes, sendo quase inexistentes. No postal 12, é observado o mesmo local, mas de um ponto de vista mais afastado em relação ao edifício (Arco da Porta Nova) que pretendia destacar, incluindo na imagem os edifícios envolventes ao mesmo, mostrando a proximidade e relação que o mesmo tem com a sua envolvente e, para além disso, ainda coloca o mesmo no eixo da imagem e do postal. Já no postal 80, o autor, em vez de representar apenas um edifício que considera emblemático/importante, destaca dois, apresentados em dois planos, de acordo com o seu ponto de vista, tendo em conta que o autor se encontrava distanciado dos mesmos, mostrando, desta forma, a proximidade e a importância dos edifícios realçados. E, por fim, no postal 206, temos apenas representado na imagem um edifício, mas, dada a sua extensão, o

autor localizava-se numa extremidade e representava o mesmo em perspetiva, conseguindo abranger a totalidade do edifício.

Os restantes postais, 81, 157, 172, 221, 281 e 297, foram observados de um ponto de vista mais elevado, tendo em conta as intenções do autor e o que o mesmo pretendia abranger no seu campo visual. Neste sentido, algumas das imagens foram observadas no interior de edifícios opostos ou que apresentavam a visão desejada pelo autor. Nos postais 81 e 221, vemos uma imagem da fachada de uma casa existente na rua de S. Marcos e a fachada da Saboaria e Perfumaria Confiança, respetivamente, em que o autor destaca o mesmo, observando-o através de um edifício oposto, conseguindo assim representá-lo em perspetiva, abrangendo a totalidade da sua fachada, dando realce às suas dimensões e formas. Nos postais 157, 172 e 297, tendo em conta que o autor pretendia representar um espaço público, há um distanciamento do que tencionava realçar, destacando o seu alinhamento, a sua dimensão e os seus componentes, situando-se num ponto mais elevado, abrangendo, deste modo, quase a totalidade da praça/avenida observada. Por conseguinte, encontrava-se no interior de um edifício para tirar a imagem pretendida e destacar os elementos que considerava mais importantes naquele sítio, bem como a envolvente próxima. Por fim, no postal 281, encontramos uma imagem aérea, em que o autor se distancia do edifício, destacando mais elementos pertencentes e envolventes ao edifício (Sameiro), nomeadamente alguns dos seus componentes (terreiro) e respetiva envolvente.

O enquadramento da imagem no postal demonstra e realça a organização dos locais observados, fazendo-nos aperceber da dimensão e extensão dos mesmos, e das relações com o que os rodeia, de forma mais simples e clara, transmitindo o pormenor do edifício e/ou espaço público, e as diversas ligações que o mesmo tem com a envolvente e a organização da cidade.

Nesta categoria, encontramos postais que representam edifícios diferentes e que contêm enquadramentos diversos no postal. Quanto à sua imagem, os autores/fotógrafos enquadram-na no eixo do campo visual, para que esta se encontre ao centro do postal, tendo maior destaque e ênfase na sua visualização e no passar da mensagem que o autor pretende transmitir mas, sobretudo, na leitura da cidade de Braga para quem a observa.

Elementos Marcantes



Figura 11-Elementos Marcantes (montagem de Elsa Gonçalves), a partir da sobreposição dos Bilhetes-Postais 8,9,10 e 11 do Arco da Porta Nova da década de 1900 e de 1910.

Os edifícios e os espaços públicos destacados nas imagens baseiam-se no ponto focal da imagem, um ponto onde a atenção do observador é concentrada, sendo uma das técnicas que mais contribui para o impacto de uma imagem.

É através da criação de um ponto de fuga que o observador, ao ler a imagem, encontra o local onde o seu olhar se vai focar e centralizar, percebendo o seu interesse e a mensagem que o fotógrafo pretendia transmitir. Quando o ponto de fuga não se encontra no ponto focal, o observador perde a atenção rapidamente, não fazendo uma correta leitura da imagem. Este ponto focal que se tem numa imagem pode nascer de qualquer elemento fotográfico, podendo ser uma pessoa, um edifício, ou uma planta.

*“Esta construção geométrica “correta”, descoberta no Renascimento e, mais tarde, aperfeiçoada e simplificada tecnicamente [...], pode definir-se conceitualmente de uma forma simples: represento o quadro – conforme a definição quadro-janela – como uma interseção plana da “pirâmide visual” que se forma através do centro visual como um ponto, um ponto que conecto com os diferentes e característicos pontos da forma espacial que quero obter. Posto que a posição relativa a estes “raios visuais” determina no quadro a aparente posição dos pontos em questão, de todo o sistema, torna-se apenas necessário desenhar a planta e alçado para determinar a figura que aparece sobre a superfície de interseção.”*⁵³

Normalmente, o ponto de fuga coincide com o ponto focal, ou seja, com o objeto que o fotógrafo quer salientar, mas, para isso, a composição tem que ser bem elaborada. Neste sentido, existem alguns tópicos que se deve ter em conta para aumentar o destaque de um ponto de interesse, sendo eles: o posicionamento, a profundidade de campo, o arrasto por movimento, a luminosidade, a cor, o tamanho e a forma e textura.⁵⁴

Nesta subcategoria, podemos encontrar diversos elementos arquitetónicos destacados, sendo eles de carácter religioso, público, privado, político, entre outros.

Na presente seleção de postais, visualizamos maioritariamente edifícios e/ou espaços de carácter público, sendo estes os postais 8 e 12 (Arco da Porta Nova), os postais 157 e 297 (Praça da República), o postal 172 (Avenida Central) e o postal 206 (Liceu Sá de Miranda e o Stº Internato). De carácter religioso, encontramos o postal 80 (Templo do Hospital e de Stª Cruz), o postal 281 (Sameiro), o postal 299 (Sé Catedral) e o postal 305 (Bom Jesus, Sé e Sameiro).

⁵³ Panofsky, Erwin. La Perspectiva como Forma Simbólica, 2005, p.11 e p.12.

⁵⁴ Santos, Joel. Fotografia- Luz, Exposição, Composição, Equipamento, 2010, p.80 e 81.

Finalmente, de natureza privada, temos o postal 81 (casa existente na Rua de S. Marcos) e o postal 221 (Fábrica Saboaria e Perfumaria Confiança).

Legenda/Orientação



Figura 12-Legenda/Orientação (montagem de Elsa Gonçalves), a partir da sobreposição dos Bilhetes-Postais 237, 238 e 241 do Bom Jesus da década de 1900.

A legenda e a orientação são dois elementos importantes e fundamentais na leitura de uma imagem fotográfica. É através destes elementos que entendemos o que estamos a observar e o que o fotógrafo/autor pretendia destacar ou realçar na imagem.

Sendo a fotografia a arte de escolher o que inclui ou não num enquadramento, o fotógrafo pode optar por não incluir determinados motivos fotográficos, para atingir o resultado que pretende, na qual existe um desligar da realidade, por isso, pensa-se que a orientação está automaticamente ligada com a escala.⁵⁵

Existindo ou não referência/ponto focal, a sensação de escala pode ser condicionada pelo ponto de vista e pela distância focal, sendo que a primeira desempenha um papel importante na alteração da perspetiva e da orientação da imagem.⁵⁶

Por vezes, a formatação da orientação da imagem também esta restringida pelo equipamento fotográfico utilizado. Foi a partir do século XX que as máquinas fotográficas começaram a ser mais flexíveis, no que confere a decisão de orientação da imagem captada. Assim sendo, o que por vezes acontecia era captarem na horizontal e depois de revelado, enquadrarem na vertical o pormenor/elemento pretendido, presente na imagem original.

De acordo com a seleção em análise, encontramos os dois tipos de orientação existentes nos bilhetes-postais, horizontal e vertical, sendo mais predominante a orientação horizontal pelo facto de esta conseguir enquadrar no seu campo visual maior quantidade de elementos, representando ainda edifícios longos, ou perspetivas laterais em que o autor abrangia na imagem dois dos seus lados, ou até a envolvente do edifício. A orientação vertical é usada em representações/visualizações mais específicas, nomeadamente na captação de elementos subtis, em que destacam maioritariamente o edifício que pretendem salientar, acabando por mostrar apenas a sua fachada principal (postais 81 e 299), retirando algumas exceções, em que os postais são horizontais e as imagens neles ilustradas são verticais. No entanto, isto deve-se à evolução das imagens representadas num dos lados do postal, em que as mesmas inicialmente só ocupavam uma porção da parte frontal, o que permitia esta flexibilidade na orientação da imagem quanto à orientação do postal, sendo que este tipo de postal só era horizontal (postal 8).

Nesta seleção de postais, existem apenas três postais verticais, sendo eles os postais 81, 297 e 299. Desta forma, podemos constatar, através dos postais 81 e 299, que os mesmos retratam um determinado edifício que o autor pretendia destacar e, com isto, dada as proporções do mesmo, o autor enquadrou o seu campo visual na orientação vertical,

⁵⁵ Santos, Joel. Fotografia- Luz, Exposição, Composição, Equipamento, 2010, p.86.

⁵⁶ Idem, p.87.

abrangendo todo o elemento e não apenas uma pequena parte do mesmo. Situa-se num ponto mais elevado, no interior de um edifício oposto, ou até se afasta do edifício.

Porém, existe uma exceção interessante no ponto de vista de representação e visualização de um determinado espaço público num postal vertical, no postal 297, pelo facto de o autor se encontrar no interior da torre de uma igreja próxima do local que pretendia destacar, podendo esta ser uma imagem horizontal, dado o local que se está a observar. No entanto, o autor fez questão de ser uma representação vertical encurtando o seu campo visual a nível de comprimento, abrangendo, desta forma, o sino da torre em que se encontrava, mostrando esta relação de interior-exterior bastante importante e imponente quando se pensa num edifício ou num espaço público com a sua envolvente.

O postal que se segue, postal 206, obriga a que o bilhete-postal seja horizontal, de acordo com o campo visual que o autor pretendeu retratar, e também de acordo com a dimensão do edifício observado e destacado, por isso, não ocupa a totalidade da parte frontal do postal, assim como o postal 221, só que este já preenche a totalidade do postal.

Os restantes postais (postais 12, 80, 157, 172, 281 e 305) de orientação horizontal, como retratam imagens de espaços públicos ou edifícios num ponto de vista mais afastado, contêm um campo visual que abrange mais informação e ocupam a totalidade de um dos lados do postal horizontalmente.

Quanto às legendas expressas nos postais, estes podem incluir a identificação do país e/ou da cidade de localização do edifício/espaço público, podendo encontrar-se na parte superior ou inferior dos mesmos, ou apenas num dos seus cantos, esquerdo ou direito. Para além disso, ainda é possível visualizarmos legendas com a identificação do edifício representado, bem como o seu número de série e, por vezes, a data de edição/comercialização. Por fim, ainda haverá postais em que a legenda se encontra em vermelho e a identificação da cidade marcada com uma estrela vermelha no seu topo, designada de sigla, que pode ser entendido pelo facto de o edifício ter sido classificado como monumento nacional nesta época, como é o caso do postal 81.

Os postais 12, 172 e 299 não contêm legenda na parte frontal referente à imagem. Os restantes (exceto o postal 281) apenas possuem a assinatura do autor da imagem na mesma, com legenda na parte que se designa para a imagem adaptada com a mesma. A legenda pode estar enquadrada na moldura que envolve a imagem, como é o caso do postal 80, encontrando-se na parte inferior e ao centro, por cima da imagem no topo ou na parte inferior, centralmente ou num dos seus cantos, ocupando ou não a totalidade do comprimento do postal, como podemos ver pelos postais 8, 81, 157, 172, 297 e 305. Por fim, encontramos uma exceção no postal 206, em que a legenda se encontra no topo desta, lado esquerdo, como é possível encontrar noutros postais, mas, além disso, é deixada uma área por preencher por baixo da imagem, que se refere aos dados destinados ao remetente/destinatário, e ainda a

colocação do selo e respetivos carimbos para ser enviado, reduzindo, desta forma, o destaque da imagem e do edifício nela representado.

Para além destas legendas encontradas na parte pertencente a imagem, também é possível encontrarmos legenda referente à imagem no verso da mesma, na área que se designa a escrever a mensagem, contendo data de edição/comercialização, identificação do país e/ou da cidade de localização do edifício/espço público e identificação do local (em português e noutros idiomas). Ao longo desta análise, reparamos que raramente ou quase nunca encontramos o nome do fotografo que produziu a imagem, isto tendo em conta que na maioria se tratava de um serviço comercial, uma encomenda feita por uma identidade ou editora, desvalorizavam a importância do papel do fotografo.

Sub-capítulo 2.5

Impressão



Figura 13- Impressão (montagem de Elsa Gonçalves), a partir da sobreposição dos Bilhetes-Postais 33, 34, 36 e 56 da Sé de Braga da década de 1900, de 1930 e de 1940.

A cor tem bastante impacto na composição e visualização de uma imagem.

Uma das noções básicas acerca da cor é que a mistura das três cores primárias - vermelho, amarelo e azul - permitem obter as cores secundárias - verde, violeta, laranja - e, quando misturadas na mesma quantidade, originam o preto. No entanto, este conjunto de cores primárias não corresponde as cores que se trabalha em fotografia digital, tendo em conta que, neste contexto, as cores não resultam da luz refletida, mas da luz transmitida.⁵⁷

Nestes conjuntos de postais em análise, podemos encontrar postais a preto e branco; a verde; a sépia; a preto, branco e vermelho; a azul; a sépia e preto; a amarelo, azul e preto e a policromia⁵⁸. As imagens a preto e branco atribuem um caráter mais antigo ao edifício e à própria imagem do postal (postal 8 e 281); a verde, realça-se a imagem, parecendo ter mais luminosidade que as imagens a preto e branco ou a sépia, mas mantém-se na mesma o seu caráter antigo e pouco detalhado quanto a texturas e pormenores (postal 12); a sépia, confere um caráter antigo e em tons de castanho; a preto, branco e vermelho dá-se o mesmo destaque que preto e branco, apenas sobressai a legenda a vermelho (postal 80); a azul, transmite-se um ar mais pesado por ser uma cor mais fria, não transmite tanto conforto, coisa que observamos nas restantes por serem cores mais quentes, reduzindo ainda mais o detalhe e o pormenor presente no edifício destacado (postal 157); a sépia e preto, reforça-se o caráter antigo, introduzindo duas tonalidades de cores, o castanho e o preto, e mostrando o seu caráter de antiguidade e de longevidade do edifício, e ainda o desenvolvimento da representação da imagem (postal 172); a amarelo, azul e preto, por conter cores mais quentes, transmite-se um caráter antigo e degradado da imagem, realçando a durabilidade/antiguidade do edifício representado (postal 206); e por fim, recorrendo à policromia, utilizam-se várias cores, o que atribui outra qualidade e detalhe à imagem representada, expressando visualmente pormenores, detalhes e até texturas (postais 281, 297, 299 e 305).

Relativamente às técnicas de impressão, temos três: a fototipia (postais 8, 81 e 172), a litografia (postais 12, 80, 157, 206 e 221) e a fotografia (postais 281, 297, 299 e 305). A fototipia é um procedimento fotomecânico de impressão que permite imprimir diversas imagens a partir da mesma matriz, tendo em atenção que o bicromato de gelatina se vai deteriorando com as impressões, perdendo a nitidez na imagem. Este tipo de impressão é o mais encontrado na época de 1900, tendo sido o seu ponto forte na impressão de postais ente 1868 e meados do

⁵⁷ Assim sendo, o outro grupo de cores primárias referente à fotografia digital - vermelho, verde e azul - atribui a designação de RGB (red, green e blue), e às cores secundárias - ciano, magenta, amarelo e, quando misturadas em quantidades iguais, branco - designa-se por CMY(K) (cyan, magenta, yellow). Devido à impureza dos pigmentos, a cor preta não é tida em conta neste grupo da mistura das três cores originais (CMY), mas sim quando utilizado o pigmento adicional preto com a denominação de "K" (key). (Santos, Joel. Fotografia- Luz, Exposição, Composição, Equipamento, 2010, p.95).

⁵⁸ Policromia – é a "multiplicidade de cores". Este filtro é atualmente associado ao (CMYK). (Consultado em 5 Janeiro 2019) Disponível em WWW: <URL: <https://dicionario.priberam.org/policromia>

século XX.⁵⁹ Quanto à segunda técnica de impressão, temos a litografia que é considerada um tipo de gravura, em que esta é produzida através da criação de desenhos sobre uma matriz com um lápis gorduroso, permitindo tirar inúmeras cópias da mesma matriz. Estas impressões parecem uma pintura original quanto ao pormenor/detalhes e à variação de cores. Esta técnica foi bastante usada durante o século XIX.⁶⁰ E, por último, a fotografia permite registar e reproduzir uma imagem de qualquer realidade através de reações químicas em superfícies preparadas para o efeito, com o auxílio da luz, fazendo com que a mesma transmita a realidade visualizada.⁶¹

Desta forma, através destas diversificadas cores de representação e das três tipologias de impressão, podemos visualizar imagens que retratam cada local e as suas características e ainda o evoluir dos tempos e o avançar da tecnologia.

⁵⁹ “Fototipia” (Consultado em 12 de Abril de 2019) Disponível em WWW: <URL: <http://www.tipografos.net/fotografia/fototipia.html>

⁶⁰ “Litografia” (Consultado em 19 de Novembro de 2018) Disponível em WWW: <URL: <https://www.dicionarioinformal.com.br/litografia/>

⁶¹ “Conceito de fotografia” (Consultado em 19 de Novembro de 2018) Disponível em WWW: <URL: <https://conceito.de/fotografia>

Capítulo 3. A IMAGEM DA CIDADE DE BRAGA (em 2019)



2019

2018

1900

1800

1700

1600

GOOGLE EARTH + INSTAGRAM

“Tornou-se aparentemente óbvio que a nossa tecnologia excedeu a nossa humanidade”

Albert Einstein

A aplicação *Google Earth* é uma expressão bastante presente nos nossos dias e usada no quotidiano. É um programa de computador/aplicação e a sua função é apresentar um modelo tridimensional do globo terrestre, gerado a partir de imagens satélite, imagens aéreas e SIG 3D (Sistema de Informação Geográfica), produzindo mapas bidimensionais e imagens de satélite (imagens aéreas), através das quais temos uma perceção do território visto de cima.

Esta aplicação foi lançada a 11 de Junho de 2001 e desenvolvida pela *Keyhole Inc.*, uma companhia adquirida pela *Google* em 2004. Inicialmente, era conhecido como *Earth Viewer*, só mais tarde, em 2005, adquiriu o nome de *Google Earth*.⁶²

Se pensarmos e tivermos em conta o uso da tecnologia nos nossos dias e o avançar da mesma, apercebemo-nos que deixámos de usar mapas físicos impressos em papel e passámos a usar aplicações como a *Google Earth*, para nos guiarmos num determinado território. Assim sendo, e como a própria aplicação também evoluiu e é mais complexa que a *Google Maps*, acabamos por recorrer, com mais frequência, à *Google Earth*, ao visitarmos um local/cidade, quando queremos ver uma determinada construção ou até quando queremos ver uma determinada paisagem, ou seja, quando pretendemos ver a imagem de um determinado território ou local. Isto porque nos permite ver, em 2D e em 3D, uma determinada realidade, além de vermos o território no presente ano, ainda conseguimos retroceder alguns anos antes e ver como era aquele local há uns tempos atrás.

Hoje em dia, com as melhorias que a *Google* desenvolveu na aplicação em que o mapa da *Google Earth* é completamente gerado por fotografias obtidas por satélites e fotografias aérea, apresentado com zoom e com navegação pelo mundo inteiro, com o qual se consegue ter uma perceção em constante atualização de um país, cidade, região ou localidade que procurarmos. As imagens introduzidas na base de dados para o seu *software* de mapeamento baseado na internet, já nos é possível ver a maioria das cidades do planeta em imagens com resolução suficiente, para observar edifícios e casas, e até pormenores como automóveis. Além disso, a empresa, na última atualização, introduziu uma função mais educativa que

⁶² “Google Earth” (Consultado em 29 de Dezembro de 2018) Disponível em WWW: <URL: https://pt.wikipedia.org/wiki/Google_Earth

utilitária à aplicação, incluindo imagens de satélite, fotografias de alta resolução, vídeos e modelos 3D, que nos permitem ver o mundo (cidades, paisagens, entre outros) em termos imersivos e segundo uma realidade, que se encontram destacados e devidamente sinalizados no mapa.⁶³ Ao visualizar estas imagens e pesquisar determinadas cidades, apercebemo-nos que quase tudo é tridimensional, parecendo que estamos dentro da cidade por muito distantes que estejamos. É através desta aplicação, dos seus marcadores e das suas fotografias, que nos apercebemos dos locais mais destacados, bem como do comércio e das zonas de restauração mais salientadas de uma cidade, quando a exploramos e tentamos descobrir na aplicação por curiosidade ou para visitar futuramente.

Com esta aplicação, apercebemo-nos da imagem da cidade que nos rodeia, uma imagem em constante mudança e evolução, de acordo com uma série de fatores (políticos, sociais, tecnológicos, entre outros) que influenciam a mesma e a delimitam ou circunscrevem. No entanto, a imagem de uma cidade não vive só da sua organização urbana e rural e da sua topografia e localização, vive também do seu edificado, seja ele público ou privado. Estes elementos são os que marcam a diferença numa cidade e as distinguem umas das outras. É através deles que nos baseamos e guiamos quando pensamos na cidade que queremos visitar, são eles que nos influenciam na hora de escolher a cidade, porque, ao percorrermos a mesma, são esses locais e monumentos que vamos percorrer e explorar.

Contudo, nos dias de hoje, quem visita uma cidade procura locais novos e já vai à descoberta do desconhecido, do que, muitas vezes, não aparece destacado no mapa, mas que também é interessante e importante na imagem da cidade, e que, muitas vezes, só é descoberto quando se está a percorrer a cidade na aplicação (cidade virtual/digital), para a conhecer melhor ou, então, quando já se está na cidade e se percorrem as diversas ruas e avenidas. Daí a imagem de uma cidade ser tão importante e estar tão presente hodiernamente e no nosso imaginário.

A *Instagram* também é uma palavra bastante ouvida e usada nos dias que correm. Esta palavra deriva de uma rede social *online* de fotografias e vídeos para usuários de *Android* e *iPhone*. Este aplicativo é gratuito e nele é possível tirar fotografias e filmar através do telemóvel, aplicar filtros e efeitos e partilhar com os amigos/seguidores. Além destas possibilidades, ainda é possível publicar essas imagens e vídeos noutras redes sociais como o *Facebook* e o *Twitter*. No Instagram, os usuários podem colocar “gostos” e comentar as fotografias e ainda colocar *hashtags* (#), para que seja possível visualizar as imagens relacionadas com aquele tema, mesmo das pessoas que não sejam seus seguidores.

⁶³ “O Novo Google Earth é mais Simples, Bonito e Educativo” (Consultado em 29 de Dezembro de 2018) Disponível em WWW: <URL: <https://shifter.sapo.pt/2017/04/novo-google-earth-web/>>

Esta rede social foi criada por Kevin Systrom e Mike Krieger e lançada em Outubro de 2010 e rapidamente ganhou mais de 100 milhões de usuários. Inicialmente, estava apenas disponível para equipamentos da Apple, só mais tarde, em Abril de 2012, é que foi criado suporte para os *Android's*, quando foi adquirido pelo *Facebook Inc.*, tendo sido notável a dimensão da sua popularidade.⁶⁴

Se pensarmos neste tipo de aplicações associadas as redes sociais, constatamos que as mesmas estão em constante atualização e desenvolvimento, satisfazendo as necessidades dos utilizadores e cativando-os para o seu uso. Em Junho de 2013, este aplicativo lançou oficialmente o suporte a vídeos com 15 segundos e incorporou 13 filtros desenvolvidos e associados ao mesmo (preto e branco, sépia, entre outros). Mais tarde, em agosto de 2016, foi lançada a função “*snapgram*” ou “*instastorie*” como é mais conhecida, em que qualquer usuário do aplicativo pode visualizar o vídeo ou a fotografia de 10 segundos, que fica disponível por um período de 24 horas, quando se “clica” na fotografia de perfil. Já em Dezembro de 2017, o *Instagram* aprimorou o seu *software*, fazendo com que os seus utilizadores desenvolvam as pesquisas mais rapidamente e relacionadas com os seus interesses. Estas escolhas são geradas através das pessoas que seguem, dos seguidores, dos *hashtag's* e das localizações. Além disto, ainda são adicionadas sugestões automáticas, de acordo com sincronizações ao *Facebook*, a agenda, ao próprio *smartphone*, entre outros. E, por fim, em Junho de 2018, lançaram o IGTV (Instagram TV) que é uma extensão para vídeos mais longos, fazendo concorrência ao *YouTube*, na medida em que tenta atrair criadores de vídeos. Esta plataforma pode ser usada dentro da aplicação Instagram ou como um aplicativo separado.⁶⁵

Hoje em dia, o *Instagram* é uma das redes sociais mais usadas em todo o mundo, a partir da qual os seus utilizadores podem partilhar fotografias e vídeos de qualquer conteúdo, divulgando imagens de edifícios/monumentos, cidades, paisagens, entre outros. Estas imagens podem ser visíveis para todos os utilizadores do aplicativo, colocando as mesmas no *instastorie* ou *hashtag's* a identificar a imagem (por exemplo: #sédebraga). Desta forma, a imagem de uma cidade também é influenciada por esta rede social, tendo em conta que, muitas vezes, quando vamos visitar uma cidade, vamos ao *Instagram* pesquisar o *hashtag* da cidade (#braga) e encontramos inúmeras imagens associadas à mesma, sejam elas de edificado, das ruas ou até de pessoas que a visitaram e que publicaram fotos na mesma. E, assim, ao observarmos estas imagens dos diversos locais da cidade publicadas por diversos utilizadores da aplicação, acabamos influenciados pelas mesmas e passamos a ter aqueles

⁶⁴ “Instagram” (Consultado em 30 de Dezembro de 2018) Disponível em WWW: <URL: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Instagram>

⁶⁵ Idem (Consultado em 30 de Dezembro de 2018) Disponível em WWW: <URL: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Instagram>

locais como referência quando formos visitar a cidade. As imagens visualizadas podem ser guardadas por tempo indefinido nos “guardados” da nossa conta do *Instagram*.

Com esta aplicação apercebemo-nos dos locais mais destacados, nos dias de hoje, na cidade de Braga e, como existe constante publicação de imagens acerca da cidade, a imagem da mesma vai estar sempre atualizada, permitindo-nos aperceber da constante evolução da cidade em análise. Contudo, ainda podemos observar determinados monumentos ou locais de acordo com diversas perspetivas que os inúmeros utilizadores publicam dos mesmos, mostrando, desta forma, várias perceções do mesmo local.

A imagem de uma cidade está em constante mudança e evolução e as tecnologias associadas à sua representação, receção, ou mesmo, prática são prova disso.

A imagem da cidade de Braga é também o resultado desta realidade e o modo como estas interferem na perceção. O *Google Earth* e o *Instagram* mostram a imagem da cidade nos nossos dias, estando em constante progresso e, em poucos segundos, conseguimos ter um olhar da imagem do mundo de ponta a ponta, em formato digital. Estas aplicações, além de conterem as mesmas funções que a cartografia e o bilhete-postal (*Google Earth* a das cartografias, e o *Instagram* o dos postais), ainda introduzem novas funções e utilidades mais práticas e cómodas. O *Google Earth*, sendo instalado num *smartphone*, pode assumir, por exemplo, a função de elemento guia na cidade e, através dele, localizamo-nos no mapa. De seguida, introduzimos o destino pretendido para o qual nos queremos deslocar na cidade e o mesmo encontra o percurso mais curto. À medida que vamos avançando, segundo o ritmo que o transeunte percorre um determinado espaço, a seta guia da aplicação também avança, mantendo a pesquisa atualizada e fornecendo dados como trânsito e tempo em constante atualização. O *Instagram*, sendo uma rede social dedicada à fotografia, também enquadra imagens da cidade de Braga e, como esta aplicação pode ser utilizada por qualquer usuário, qualquer elemento pertencente à mesma pode publicar imagens referentes à cidade, o que salienta os diversos olhares e perspetivas que se tem da cidade de Braga. Este aspeto é extremamente importante porque vai permitir que a imagem da cidade percorra o mundo em pouco tempo. Ao ter uma constante publicação de imagens referentes à cidade de Braga, o olhar sobre a imagem da cidade de Braga está em permanente atualização. Através das várias imagens, conseguimos entender o que a cidade era há uns anos atrás e o que é hoje, o que mudou e o que se mantém.

Neste sentido, a imagem da cidade de Braga, através destas duas aplicações, é o reflexo de diversos olhares sobre a imagem da cidade e é o espelho do avançar das tecnologias e do papel que estas assumem nos nossos dias. Tendo em conta que estas duas aplicações estudadas nos permitem partilhar a localização (*Google Earth*) e imagens (*Instagram*), a imagem icnográfica da cidade de Braga também se mantém em constante atualização.

Com isto, e através destas tecnologias digitais, reparamos que cada vez mais a fotografia se está a tornar um meio menos discreto, apercebemo-nos do seu papel utilitário em funções como o *street view*, no *Google Earth*, que a fotografia tem cada vez mais impacto sobre a forma como percebemos o ambiente construído, em que as “suas imagens influenciam

debates acerca da preservação do património edificado da cidade, tendo uma relação direta, além da representação, com a produção do ambiente urbano”.⁶⁶

⁶⁶ Campkin, Ben; Roos, Rebecca, *Negociação da cidade através do Google Street View*, p.2 e p.7.



Figura 15-Limite (montagem de Elsa Gonçalves), a partir da colagem de dois print-scren de imagens da *Instagram* de autores desconhecidos, visualizadas em 2019.

Através da aplicação *Google Earth*, projetamos o ponto de vista que pretendemos ter de um determinado local, movendo o mapa nas direções pretendidas e colocando o modo de visualização *street view*, através da “figura humana ícone laranja, chamada “*Pegman*”⁶⁷, no caso de ser necessário, para percorrer os lugares. Com isto, de forma digital, à distância e com um interface, pesquisamos e visualizamos uma cidade segundo diversos olhares e ainda obtemos uma percepção da topografia, apercebendo-nos dos pontos de maior e menor cota.

As diversas funções que a aplicação contém permite-nos ter várias percepções da realidade que pesquisamos, podendo observar os distintos locais nele inseridos, como locais públicos, privados e coletivos sem restrição ou privacidade, visualizando a uma maior ou menor escala o lugar, a freguesia, a rua ou o edifício que pretendemos. Para além disso, ainda conseguimos ter um controlo da dimensão do que pretendemos visualizar no ecrã, e ainda uma continuidade de escala, apercebendo-nos dos pormenores a uma escala mais aproximada, e da sua envolvente a uma escala mais afastada, visualizando o seu processo a medida que nos afastamos ou aproximamos do que pretendemos ver.

Em comparação com o filme *Powers of Ten*, de 1977, de Charles e Ray Eames, que “explora esta ideia de uma continuidade de escala, e a conseqüente comparabilidade do gigantesco e do minúsculo, aumentando os limites exteriores da visibilidade telescópica e microscópica, uma potência de dez de cada vez”⁶⁸, deparamo-nos com uma relação no que diz respeito à aproximação de escalas idêntica a uma capacidade do *Google Earth*, mostrando através da sua aproximação o que se pode visualizar através do seu zoom, a “invasão” e/ou afastamento que se pode obter numa determinada realidade, realçando elementos públicos e privados. No filme estabelece-se essa relação multiplicando a escala de 10 em 10, partindo de um contexto familiar (piquenique) afastando-se cada vez mais até chegar ao universo, regressando depois até ao ponto inicial, aprofundando até entrar nas diversas camadas da pele da mão do ser humano. Na aplicação por outro caso, podemos também ver detalhes, desde as pessoas em diversos contextos, em sua casa ou na rua, ou até mesmo os automóveis estacionados, entre outros.

O *Instagram*, uma rede social digital em que são publicadas inúmeras imagens todos os dias pelos seus utilizadores e que, por norma, expõem imagens captadas através do telemóvel, realçando edifícios, ruas ou outros pormenores urbanos, acabam por mostrar elementos de carácter público e privado. As publicações na aplicação são livres, no entanto nem todos os utilizadores tem o seu perfil público para todos, tem o perfil privado em que apenas os seus seguidores podem ver o que publicam.

⁶⁷ Campkin, Ben; Roos, Rebecca, *Negociação da cidade através do Google Street View*, p.1.

⁶⁸ Di Palma, Vittoria. *Zoom- Google Earth and Global Intimacy*, capítulo 12, p.257.

Anteriormente, as publicações da web “estavam focadas em conteúdo criado por profissionais, empresas e organizações”⁶⁹, agora através das redes sociais digitais, nomeadamente o *Instagram*, são publicadas diversas imagens nos quais “produzimos, compartilhamos ou rotulamos grande quantidade das nossas próprias imagens”⁷⁰.

Com esta facilidade de publicação e partilha, as tecnologias digitais influenciam o espaço urbano, fornecendo informações sociais, culturais e políticas, sobre as atividades dos utilizadores em determinados locais e períodos de tempo. “As histórias da fotografia observaram há muito tempo que os fotógrafos não consideram que tudo é igualmente digno de ser capturado. O que mudou é que agora as imagens podem ser instantaneamente enviadas e compartilhadas”⁷¹. E tal como no *Instagram*, influenciam a perceção de um determinado local e/ou cidade.

Utilizando estas duas aplicações quando pesquisamos e visualizamos a cidade de Braga através das mesmas, deparámo-nos com locais já sugeridos pelas mesmas, de carácter público, privado e coletivo. No *Google Earth* sinalizados e destacados através dos marcadores e das fotografias partilhadas pelos utilizadores e pelas suas pesquisas. No entanto, as imagens captadas através das diversas ferramentas, introduzidas na base de dados da aplicação e pelos utilizadores, englobam elementos públicos e privados, podendo visualizar com mais pormenor quando se utiliza o modo de *street view*, como por exemplo o Arco da Porta Nova e a Perfumaria e Saboaria Confiança (público e privado). No *Instagram* as imagens publicadas podem ser de acesso público ou privado, de acordo com a definição e segurança do perfil do utilizador em que foi publicada, podendo ser uma imagem de um elemento arquitetónico público ou privado, em que por vezes a imagem é captada sem qualquer autorização.

⁶⁹ Hochman, Nadav; Manovich, Lev. “Zooming into an Instagram City: Reading the local through social media”, volume 18, nº7, 1 de Julho de 2013. (Consultado em 1 de Março de 2019). Disponível em WWW: <URL: <https://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/4711/3698#10>

⁷⁰Idem (Consultado em 1 de Março de 2019). Disponível em WWW: <URL: <https://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/4711/3698#10>

⁷¹ D Boy, John; Uitermark, Justus. “Reassembling the city through Instagram”, volume 42, edição 4, 27 de Março de 2017. (Consultado em 1 de Março de 2019). Disponível em WWW: <URL: <https://rgs-ibg.onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/tran.12185>

Escala

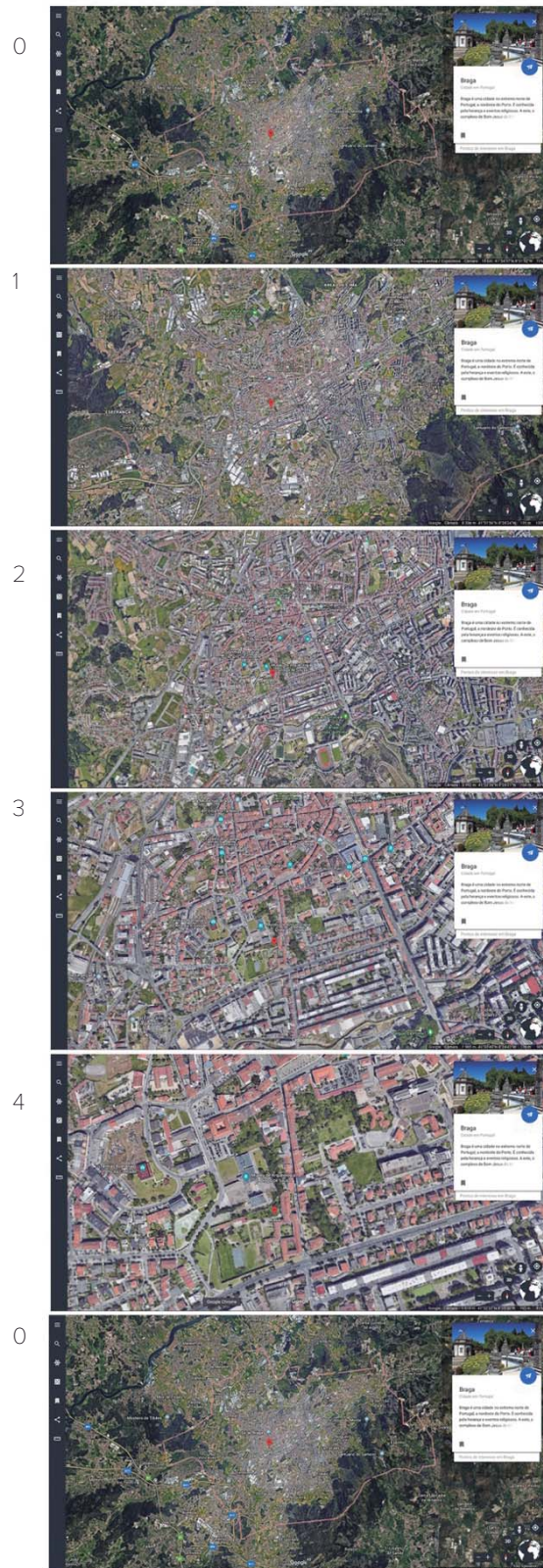


Figura 16-Escala (montagem de Elsa Gonçalves), a partir da colagem de cinco print-scren de imagens da *Google Earth*, visualizadas em 2019.

Com a aplicação *Google Earth*, é possível adotar uma visão panorâmica (180°) ou uma visão de 360°, em 2D ou 3D, aproximando-nos da imagem da cidade de Braga, através do zoom. Esta variação das perspetivas e planificação permite-nos observar a imagem da cidade segundo a intenção e o objetivo de cada utilizador, tal como o autor nas cartografias. Apenas a imagem visualizada é que se mantém comum para todos os autores, de acordo com as finalidades e conteúdos da aplicação.

Assim sendo, apercebemo-nos de que, à medida que se clica no ícone/marcador referencial da cidade que estamos a explorar, nos aproximamos gradualmente em 4 estratos, partindo de uma visão geral para uma visão particular, regressando depois à imagem inicial. Para além disso, caso se clique num ponto de interesse marcado no mapa, este remete-nos para uma visão tridimensional e com movimentação de 360° permitindo-nos observar o monumento/edifício selecionado em diferentes ângulos e a sua envolvente.⁷²

Desta forma, em poucos passos e poucos segundos conseguimos aproximar-nos e afastar-nos (*zoom in* e *zoom out*), apercebendo-nos de uma determinada realidade em diversas escalas, de acordo com a altura da câmara que captou as imagens aéreas visualizadas.

Na aplicação e rede social *Instagram*, esta definição de *zoom* não existe.

“Os utilizadores selecionam certos lugares e momentos, escolhem um ângulo e um quadro, inventam hashtags e usam uma seleção de filtros para produzir uma imagem para partilhar com os seus seguidores. Mesmo que os usuários publiquem imagens sem pensar muito, eles transmitem - consciente ou inconscientemente - uma noção do que é bonito, divertido, engraçado ou interessante. Esse processo de comunicação continua à medida que os utilizadores visualizam as publicações de outras pessoas. Os media, incluindo o Instagram, oferecem aos utilizadores a possibilidade de selecionar os seus feeds seguindo outros, o que significa que eles conseguem ver o mundo a partir da sua perspetiva. Estes processos de comunicação seletiva também implicam a cidade.”⁷³

Com isto os utilizadores do *Instagram*, ao usarem a aplicação, navegam e povoam um ambiente social e urbano através das fotografias publicadas, promovendo um zoom mais aproximado a cada realidade quando pesquisamos o que pretendemos.

⁷² Como acontece, por exemplo, com a Sé de Braga.

⁷³ D Boy, John; Uitermark, Justus. “Reassembling the city through Instagram”, volume 42, edição 4, 27 de Março de 2017. (Consultado em 2 de Março de 2019). Disponível em WWW: <URL: <https://rgs-ibg.onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/tran.12185>

Se pesquisarmos a cidade de Braga no *Google Earth* esta aplicação remete-nos para uma visão geral da cidade, em que vemos toda a zona central delimitada a vermelho, e a restante envolvente englobando das freguesias próximas. Através do zoom podemos-nos aproximar do local, do edifício ou da rua desejada, orientar na posição que pretendemos e até colocar o modo de *street view*, e visualizar a(s) fachada(s), exceto em locais de acesso pedonal, como por exemplo a Avenida de Liberdade, onde contém o jardim e o Teatro Circo, apenas conseguimos ver a rua e a fachada, através das fotografias partilhadas pelos utilizadores. Quanto ao *Instagram* esta finalidade de zoom, na seleção e aproximação de locais não existe, tendo em conta que é uma aplicação digital de partilha de imagens, somente conseguimos fazer zoom na imagem partilhada para visualizar algum pormenor da mesma.

Elementos Marcantes



Figura 17-Elementos Marcantes (montagem de Elsa Gonçalves), a partir da sobreposição de print-screen da *Google Earth*, e colagem de doze print-scren de imagens da *Instagram*, de autores desconhecidos, visualizadas em 2019.

O elemento marcante/ponto focal de uma imagem é o elemento que tem maior destaque na imagem, é aquele em que o observador olha em primeira instância quando visualiza algo pela primeira vez e, por norma, está associado ao motivo fotográfico que o autor quer destacar na imagem que produziu. Neste sentido, a imagem da cidade tem como pontos focais edifícios/monumentos, espaços públicos, ruas, paisagens, entre outros.

Estas tecnologias são o reflexo do destaque destes elementos nos nossos dias, sendo através destas aplicações que podemos observar os edifícios e os locais mais destacados nas cidades.

No *Google Earth*, através dos marcadores devidamente identificados que sinalizam cada local mais salientado e de importância na cidade. Sendo estes locais os mais procurados e introduzidos na aplicação. Para além destes marcadores, ao pesquisar uma cidade histórica, por exemplo, podemos visualizar o seu perímetro, delimitado a vermelho. Bem como a identificação das estradas, ruas, freguesias e outros pontos de interesse.

No *Instagram*, apercebemo-nos de quais são os locais mais destacados e visitados nas cidades e qual a imagem que estes transmitem no campo da arquitetura, salientando a experiência de lugar das pessoas que tem sido moldada pela comunicação (“seja uma conversa informal na rua ou relatos de notícias extraídos dos media”⁷⁴).

Estes locais destacados de uma cidade estão relacionados com a repetição das mesmas publicadas pelos diversos utilizadores da rede social, e ainda pela quantidade de “gostos”. O que faz com que algumas das fotografias publicadas, utilizadores e lugares se destaquem, fazendo com que o *Instagram* seja “um folheto personalizado com eventos e lugares atraentes”⁷⁵ mostrando os locais mais publicados e destacados de uma cidade, acabando por se tornar uma referência para quem pesquisa e visita uma cidade através da aplicação. Assim como os “seguidores” que cada utilizador contém, e caso seja uma figura pública, passam a ter as suas imagens como referências para quem os segue, influenciando a perceção e a imagem de uma cidade. Como focou Jill Walker Rettberg quando “argumentou que os media digitais permitem modos de auto-moda; os usuários dos media sociais passam a entender, comunicar e moldar-se através de tecnologias de comunicação” em que “o fotógrafo, os assuntos em exibição e o ambiente estão em uma relação recíproca”⁷⁶. Em que ao publicar fotografias num determinado local aumentando a visibilidade do mesmo, servindo

⁷⁴ D Boy, John; Uitermark, Justus. “Reassembling the city through Instagram”, volume 42, edição 4, 27 de Março de 2017. (Consultado em 2 de Março de 2019). Disponível em WWW: <URL: <https://rgs-ibg.onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/tran.12185>

⁷⁵ Idem (Consultado em 2 de Março de 2019). Disponível em WWW: <URL: <https://rgs-ibg.onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/tran.12185>

⁷⁶ Idem (Consultado em 2 de Março de 2019). Disponível em WWW: <URL: <https://rgs-ibg.onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/tran.12185>

como publicidade e divulgação da imagem da cidade, mostrando por vezes lugares pouco visitados.

Quando pesquisamos Braga nestas duas aplicações digitais reparamos que alguns locais são comuns e aparecem destacados em ambas, outros apenas aparecem numa das aplicações. No *Google Earth* focando-nos na zona central da cidade, a uma escala que se enquadre na dimensão do ecrã, encontramos locais destacados como Sé de Braga, Câmara Municipal de Braga, Jardim de Santa Bárbara, Palácio do raio, Arco da Porta Nova; Convento dos Congregados, Igreja do Pópulo, Estádio Municipal de Braga, Museu Nogueira da Silva, Museu Pio XII, Irmandade de Santa Cruz, Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa, entre outros. No *Instagram* utilizando apenas as 12 primeiras imagens que preenchem a totalidade do ecrã quando procuramos *#braga*, encontramos a capela de Santa Marta, o Bom Jesus, o Monte do Picoto (Picoto Park), o Jardim de Santa Bárbara, o Sameiro, a Câmara Municipal de Braga e o Arco da Porta Nova. Como podemos comprovar pela imagem anterior. Através destas 12 imagens, verificamos que cada vez mais são os habitantes e os visitantes, utilizadores destas aplicações, que criam e divulgam a imagem de uma cidade, participando na mesma, recorrendo a *selfie* ou aparecendo nas fotografias, tendo os monumentos e edifícios como cenários, como podemos visualizar na figura 17.

Legenda/Orientação

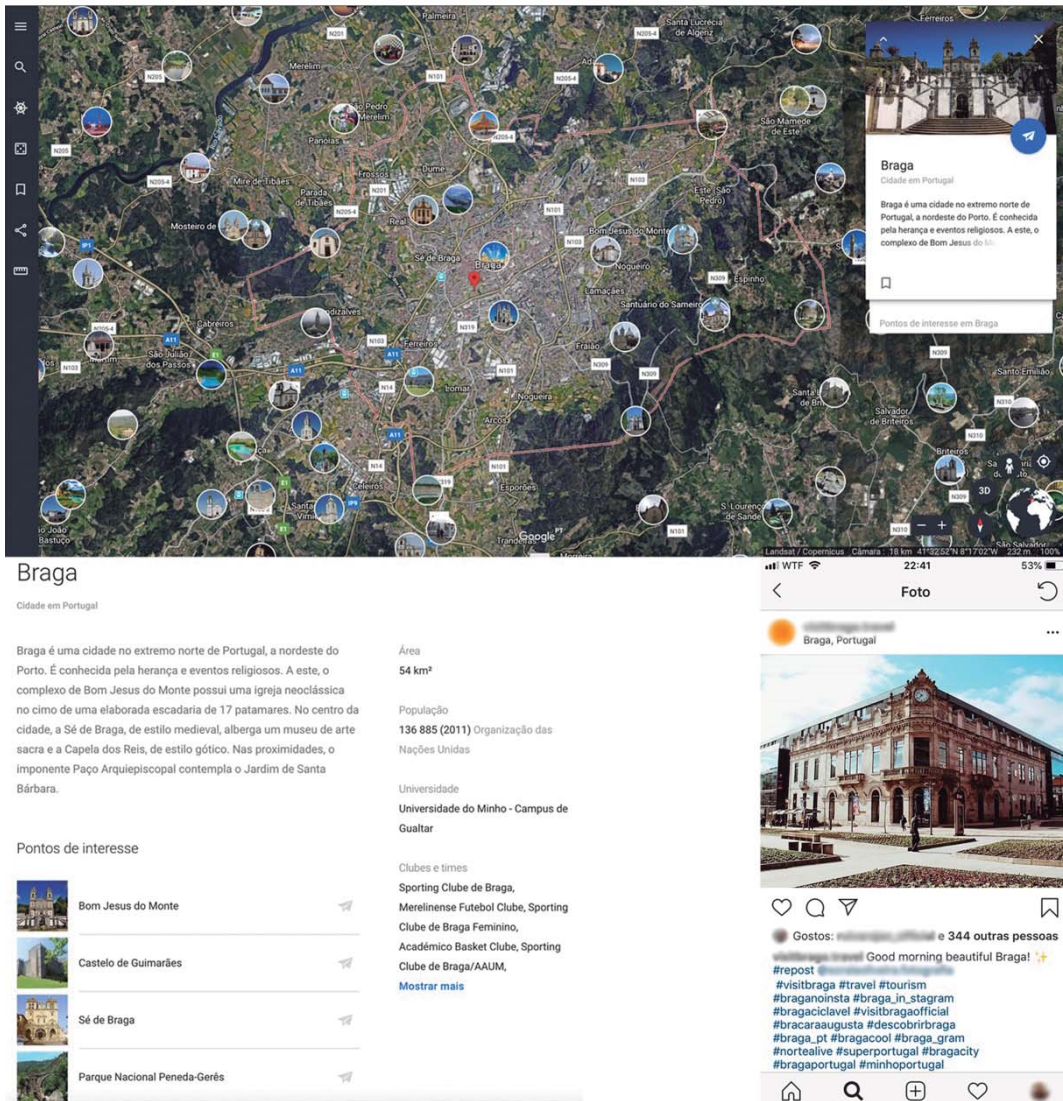


Figura 18- Legenda/Orientação (montagem de Elsa Gonçalves), a partir de colagem de print-screen de imagens da *Google Earth* e da *Instagram*, de autores desconhecidos, visualizadas em 2019.

A proporção das imagens, a orientação na vertical ou na horizontal, ajuda o nosso olhar, desde o início, a guiar-se até ao local que o autor pretendeu destacar e, de seguida, a legenda complementa a identificação e o entendimento da imagem observada.

Na maioria das vezes, fotografamos na horizontal, partimos do inconsciente, utilizando a câmara com o formato predefinido na horizontal, uma opção original que proveio da nossa visão ser binocular (termos os dois os olhos, lado a lado), assim sendo também é horizontal.⁷⁷

Desta forma, a proporção da área da imagem está ligada à orientação da fotografia, que também condiciona a organização dos motivos fotografados e, por conseguinte, a forma como se observa e lê a imagem. As palavras horizontal e vertical ilustram os termos ingleses *landscape* (paisagem) e *portrait* (retrato), respetivamente, deixando adivinhar o respetivo uso fotográfico para cada uma delas. Porém, esta tradução não significa uma norma a ser cumprida, antes pelo contrário, pode ser quebrada. Existem paisagens que conferem um maior impacto visual quando enquadradas na vertical e retratos que resultam visualmente melhor numa composição horizontal, tudo depende da mensagem visual e objetivo que se quer transmitir com a imagem.⁷⁸

A *Google Earth* está organizado de forma simples, de usabilidade fácil e espontânea. A imagem visualizada enquadra-se de acordo com o ecrã no qual esta a se observar a pesquisa, e está pré-definida pela aplicação, podendo ser uma imagem vertical ou horizontal (como por exemplo no smartphone e computador, respetivamente).⁷⁹

A aplicação ainda nos fornece uma breve informação sobre a cidade procurada, pontos de interesse, área, população, entre outros.

A *Instagram* contém imagens mais centralizadas nos utilizadores/autores e selecionadas segundo os utilizadores. Permite ter uma imagem com, pelo menos, duas referências temporais diferentes: o período evocado por um determinado filtro; e o intervalo de tempo indicado pelo aplicativo ao visualizar a fotografia.

“O elemento de tempo é sempre centrado no utilizador e a sua medição, entre o momento atual do lançamento do aplicativo e a data original de criação. Isso significa que, embora o tempo específico em que uma fotografia foi tirada exista no banco de dados do software, o seu registo de

⁷⁷ Santos, Joel. Fotografia- Luz, exposição, composição, Equipamento, 2010, p.68.

⁷⁸ Idem, p.68.

⁷⁹ As imagens visualizadas sob o modo street view são captadas através das câmaras introduzidas nos veículos de apoio e, como tal, apenas percorrem estradas/ruas de acesso veicular/automóvel, excluindo desta forma as ruas de acesso exclusivo pedonal e clicável, o que deixa de parte as imagens das ruas e edifícios dos centros históricos, sendo estes por norma apenas de acesso pedonal. Por se tratar de uma aplicação que aceita contribuições também pode incorporar espaços representados de lugares sem acesso automóvel.

*data e hora é dinâmico, pois cada imagem mostra uma representação do tempo em constante mudança. Por exemplo, se atualmente vejo uma fotografia que foi tirada por um amigo "há 4 dias", se abrir o aplicativo amanhã, a indicação de tempo será "5 dias atrás". Desta forma, a representação do tempo em relação a cada imagem torna-se elusiva e permanece em fluxo com o passar do tempo, passando de 53 segundos para 5 dias, para 12 semanas e um ano atrás."*⁸⁰

Para além disto, ainda é possível identificarmos o local da fotografia e os usuários que pretendermos, conseguindo desta forma identificar facilmente o que visualizamos na imagem. Com esta organização simples e rápida, o *Instagram*, "proporcionou aos utilizadores a capacidade de partilhar instantaneamente as suas impressões e imagens com públicos distantes"⁸¹ em poucos segundos, transmitindo assim a imagem da cidade.

No *Google Earth* ao pesquisar a cidade de Braga encontramos para além do mapa da cidade, uma pequena descrição, algumas referências e pontos de interesse da mesma. Braga tem uma área de 183,4 km² e uma população de 136 885, e pontos de interesse como o Bom Jesus do Monte, a Sé de Braga, o Parque Nacional Peneda-Gerês, o Jardim Santa Bárbara, o Museu dos Biscainhos, o Santuário do Sameiro, a Citânia de Briteiros, o Palácio do raio, o Arco da Porta Nova, entre outros.⁸² No *Instagram* as fotografias de Braga por vezes só contém a localização da cidade e país, e não contém descrição do local ou edifício observado, apenas incluem *hashtags* na descrição da imagem. Se pesquisarmos # mais o local pretendido, como por exemplo *#sédebraga*, vemos todas as imagens partilhadas pelos utilizadores da aplicação referentes aquele local, isto depois de vermos um conjunto de locais referentes a cidade de braga quando pesquisamos *#braga*. Nas imagens podemos ver a quantidade de "gostos" e à quanto tempo é que a mesma foi publicada.

⁸⁰ Hochman, Nadav; Manovich, Lev. "Zooming into an Instagram City: Reading the local through social media", volume 18, nº7, 1 de Julho de 2013. (Consultado em 3 de Março de 2019). Disponível em WWW: <URL: <https://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/4711/3698#10>

⁸¹ D Boy, John; Uitermark, Justus. "Reassembling the city through Instagram", volume 42, edição 4, 27 de Março de 2017. (Consultado em 3 de Março de 2019). Disponível em WWW: <URL: <https://rgs-ibg.onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/tran.12185>

⁸² "Google Earth" (Consultado em 26 de Fevereiro de 2019). Disponível em WWW: <URL: https://earth.google.com/web/@41.54727485,-8.4114212,168.50391581a,17398.26917167d,35y,0h,0t,0r/data=CkkaRxl_CiQweGQyNGZIYmM2Y2Y1ZDg2NzoweGJjNWQwNTQxNjJkMWUyMTgZEIN9QtHFREAhtwchIF_aIMaQBUJyYWdhGAMgASgC

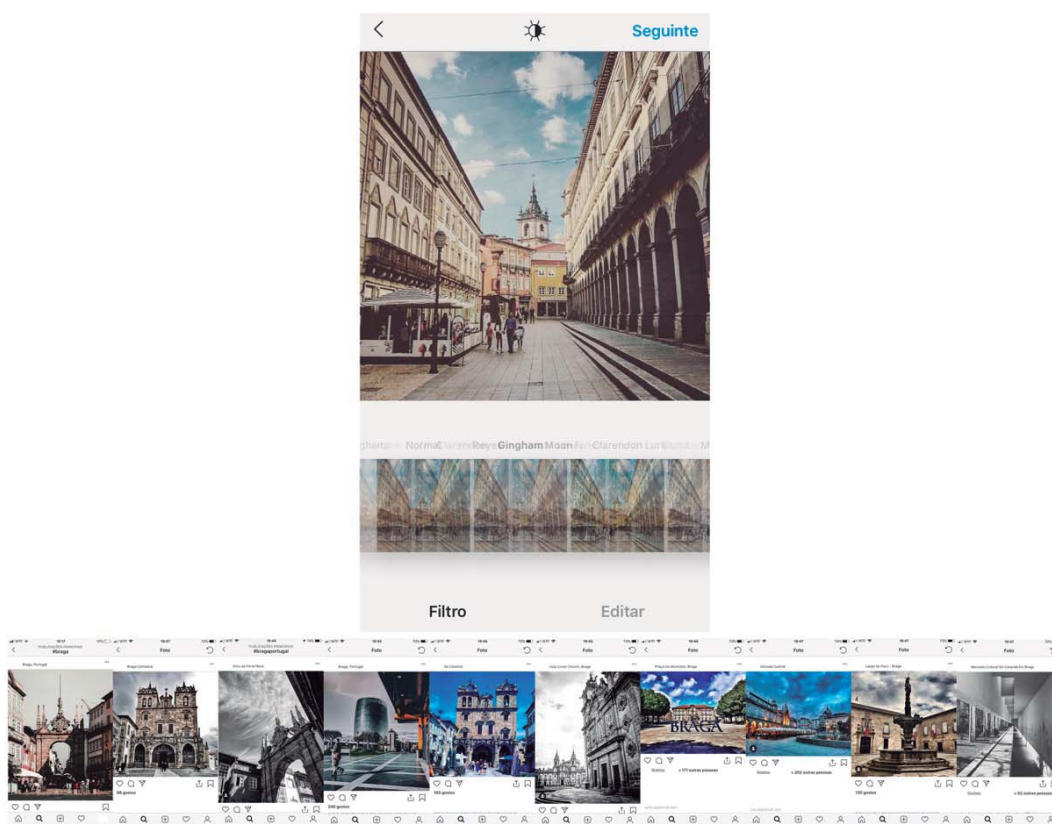


Figura 19-Edição (montagem de Elsa Gonçalves), a partir de sobreposição e colagens de print-scren de imagens da *Instagram*, de autores desconhecidos, visualizadas em 2019.

Acerca da imagem gerada no *Google Earth*, não podemos modificar a sua tonalidade, apenas visualizamos a imagem do território tal como foi introduzida e predefinida na base de dados da aplicação. Uma imagem relativamente próxima a imagem real da cidade que esta em constante atualização acompanhando o evoluir da mesma, apesar desta ser manipulada e introduzida pelos autores na base de dados da aplicação. Tendo sido captadas por satélites extra-terrestres/aéreos e câmaras de 360° adaptadas em veículos terrestres segundo o terreno que observam (como por exemplo automóvel, moto-neve, barco, avião/helicóptero, entre outros).⁸³

Na rede social *Instagram* a imagem pode ser manipulada segundo as intenções do utilizador e os filtros da rede social. Durante ou depois de tirar uma fotografia, “o aplicativo permite que os seus usuários apliquem diferentes ferramentas de manipulação. Ao adicionar matizes, granulação, contraste, etc., cada filtro evoca uma "sensação" diferente, alterando a mensagem transmitida por uma imagem. Dessa forma, ao tirar uma fotografia de numa época e local específicos, aplicamos um filtro para sugerir um tempo ou atmosfera diferente (alguns dos filtros são nomeados para sugerir uma determinada época, como o filtro chamado “1979”)”⁸⁴. Desta forma, através dos filtros que se podem colocar nas imagens publicadas podemos alterar a leitura e perceção da imagem da cidade, salientando ou valorizando determinados elementos da fotografia e da cidade.

Na aplicação *Google Earth*, quando procuramos Braga, não podemos alterar a tonalidade nem editar a imagem visualizada, remete-nos para uma perceção mais aproximada da imagem que obtemos quando visitamos a cidade, o que nos faz utilizar ainda mais a aplicação digital quando queremos ver algum local ou edifício da mesma. Já no *Instagram* as imagens da cidade de Braga por vezes podem estar alteradas, tendo em conta que a edição da imagem já é uma função que o utilizador tem quando publica uma imagem, podendo colocar filtro, ajustar, definir o contraste, a luminosidade, a saturação, entre outros. O que altera a perceção do local observado, como por exemplo a primeira fotografia da Sé de Braga, e do Arco da Porta Nova, visualizadas na imagem anterior (Figura 18), que aparentam ter um filtro que nos remete a uma época mais antiga.

⁸³ A imagem só pode ser alterada, fazendo print-screen da visualização do ecrã e, depois editada segundo outro programa, como, por exemplo, o Photoshop.

⁸⁴ Hochman, Nadav; Manovich, Lev. “Zooming into an Instagram City: Reading the local through social media”, volume 18, nº7, 1 de Julho de 2013. (Consultado em 4 de Março de 2019). Disponível em WWW: <URL: <https://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/4711/3698#10>

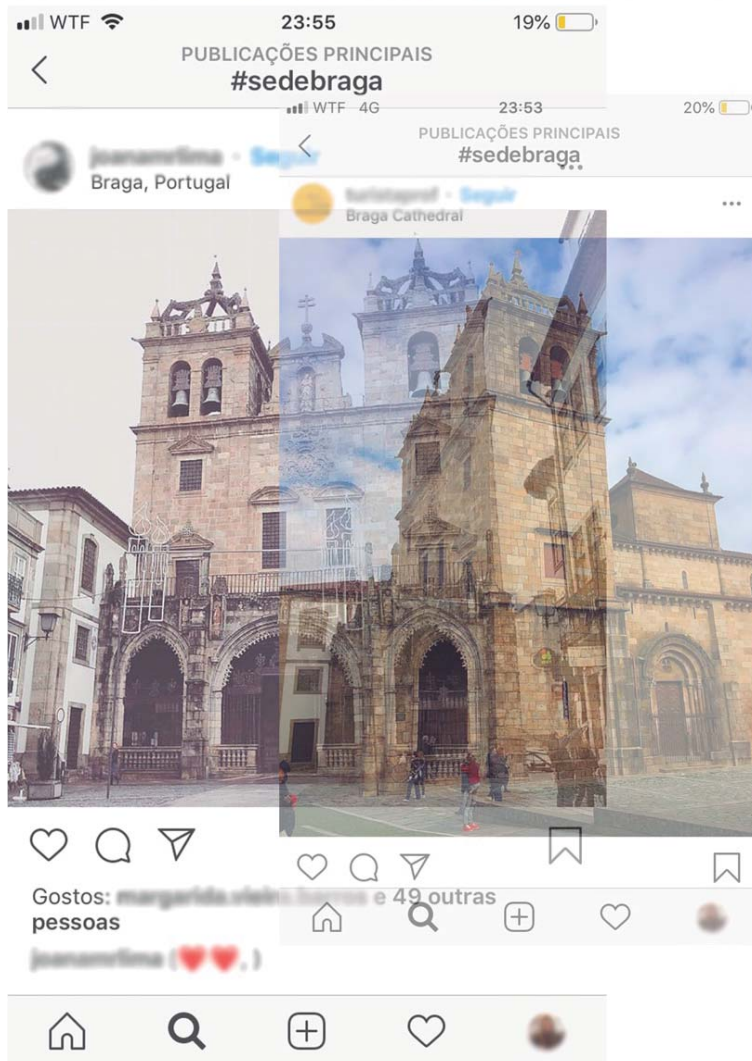
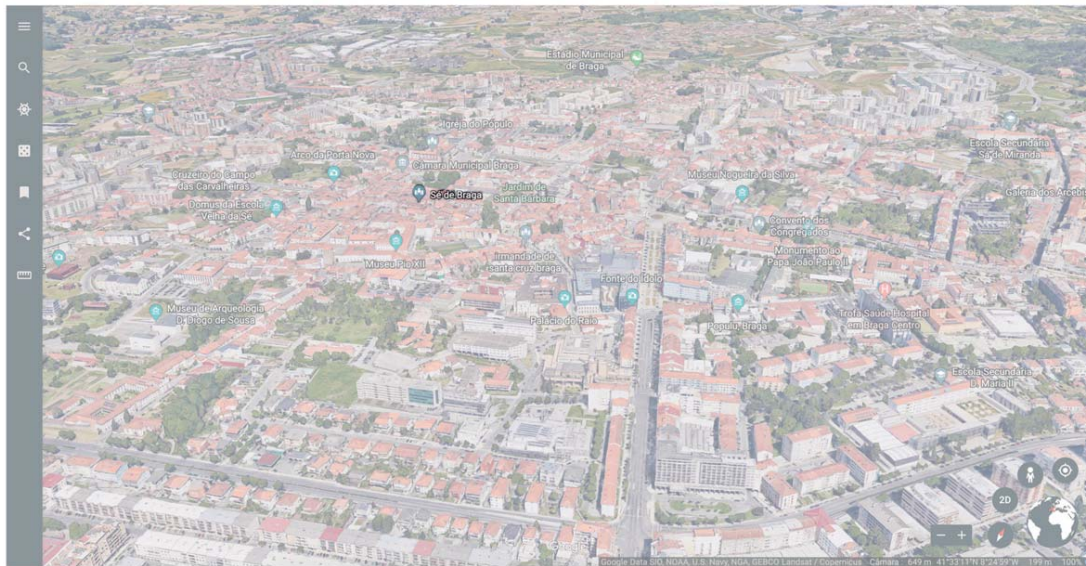


Figura 20- Do Mapa ao *Google Earth*, do Bilhete-postal ao *Instagram* (montagem de Elsa Gonçalves), a partir de print-screen de imagens do *Google Earth*, visualizadas em 2019.

Figura 21- Do Mapa ao *Google Earth*, do Bilhete-postal ao *Instagram* (montagem de Elsa Gonçalves), a partir de print-screen de imagens do *Instagram*, de autores desconhecidos, visualizadas em 2019.

Ao longo desta investigação podemos comprovar que a imagem da cidade de Braga se encontra em constante evolução, desde a transformação da própria malha urbana da cidade ao avanço das tecnologias presentes nos mapas e nos bilhetes-postais, incluindo os media mais recentes, *Google Earth* e *Instagram*, tão presentes nos nossos dias e que interferem na leitura e imagem da cidade.⁸⁵

Através da cartografia, podemos visualizar o crescimento em área e a alteração da imagem da cidade de Braga representada por diversos autores, e ao longo de 4 séculos. Com o avançar das novas tecnologias, o *Google Earth* permite-nos constatar e verificar as transformações da cidade de Braga.

Ao longo da análise, os mapas ou plantas deram-nos a conhecer diferentes abordagens na representação da cidade, podendo ser focados numa seleção assumida pelo autor, ou então, por vezes mais abrangente e distanciado do foco central. Desta forma, conseguimos mostrar a expansão da cidade no decorrer dos anos e o modo como a organização da malha urbana se tem vindo a desenvolver, e ainda, a propagação do edificado e o facto do centro da cidade já começar a ser mais que o núcleo central, o interior da muralha.

Com isto, apercebemo-nos que, antigamente, a realização de um mapa ou planta era encomendada apenas por agentes que se encontravam no poder e só eles continham acesso aos mesmos. Contudo, com o evoluir dos tempos, essa “norma” deixou de estar tão explícita. Atualmente, qualquer cidadão tem a oportunidade de elaborar um mapa, plano ou circuito de uma cidade. Todos desde que sejam consumidores de dispositivos e aplicações digitais, têm a possibilidade de fazer um estudo cuidado dos pontos de interesse na cidade, de procurarem modos mais eficazes de transporte e até mesmo de tomarem notas de locais característicos da cidade, por vezes, não muito conhecidos.

Nos bilhetes-postais fotográficos, podemos analisar o evoluir da cidade, pois estes contêm neles a representação da imagem da cidade e as funções que os mesmos assumem. Tendo em conta que uma das suas funções seria comunicar o local em que se encontrava,

⁸⁵ Tendo em conta a imagem da cidade de Braga, é de destacar que não foi por acaso que Braga foi nomeada para melhor destino europeu de 2019. Segundo a uma notícia da “Braga TV”, “Braga é o único destino português que figura entre os 20 finalistas nomeados para o prémio “European Best Destination 2019”, sendo o único destino nacional nomeado para ser distinguido em 2019, o que demonstra o crescimento de Braga e a qualificação da oferta turística disponibilizada. O destino vencedor bem como os nomeados beneficiam de um aumento do número de visitantes e da visibilidade internacional, o que faz com que a imagem da cidade de Braga seja mais divulgada e contenha mais impacto, não só em 2019 como também nos próximos anos. “Braga Nomeada para Melhor Destino Europeu 2019” (Consultado em 14 de Janeiro de 2019) Disponível em WWW: <URL: <http://www.bragatv.pt/braga-nomeada-para-melhor-destino-europeu-2019/?fbclid=IwAR1yOmVyTkJileNq261RywEvLWlbQvntXOcOGKgX6k7pPoeBmtw7wiu8raka>

contendo uma breve mensagem, a imagem representada assume um papel importante na divulgação da cidade. Através deles, podemos visualizar as mudanças existentes nos locais e edifícios destacados e assim entender quais os mais icônicos na cidade de Braga. No entanto, com o avançar dos tempos e das tecnologias, e tendo em conta que o envio de bilhetes-postais através dos correios têm um custo, estes começaram a deixar de assumir as suas funções iniciais e passaram a servir de fotografias adquiridas como recordações/souvenirs.

Através do conjunto de bilhetes-postais analisados, apercebemo-nos que a cidade de Braga não vive apenas do seu património e que a sua arquitetura não é apenas o património emblemático presente na cidade. A representação da cidade, é mais que a imagem canónica investigada, é constituída ainda pela zona urbana, pela zona rural, pela cultura, pela rede viária, pelas zonas industriais, pelos habitantes, entre outros, que enriquecem e valorizam a imagem de Braga.

Segundo a empresa *Keyhole Inc.*, criadora do programa e detentora dos direitos do *Google Earth* (software em constante atualização), a aplicação permite aos diversos utilizadores criarem uma visualização apelativa de um determinado território. Este meio tem cada vez mais utilizadores pois, com um interface (telemóvel, tablet ou computador portátil), temos acesso a uma quantidade infindável de mapas, bem como das localizações de monumentos/edifícios, ruas, igrejas, restaurantes, entre outros pontos de relevância.

Por outro lado, uma aplicação como o *Instagram* assume um papel mais comum nos nossos dias. O fácil acesso e partilha de imagens tornou esta uma ferramenta essencial para a comunidade e sociedade mundial. Com acesso digital as imagens publicadas nesta rede social, além de estarem em formato digital, podem ser facilmente ampliadas. Para além disso, qualquer utilizador pode publicar imagens, não sendo obrigatório possuir qualquer tipo de material fotográfico profissional. Nesta aplicação, as imagens publicadas percorrem o mundo em segundos, podendo conter milhares de visualizações em pouco tempo. Este aspeto pode variar dependendo do utilizador que as publica.⁸⁶

Constatamos que o uso das tecnologias, nomeadamente destas duas aplicações, interfere no olhar e na leitura e construção da imagem da cidade de Braga, apesar da desta ser sempre diferente de autor para autor. Esta imagem tem vindo a sofrer alterações não só pela própria evolução morfológica da cidade, mas, também, pela evolução destas aplicações, que tem vindo a substituir o uso predominante das cartografias e dos bilhetes-postais como transmissão da imagem da cidade.

⁸⁶ Se este for uma figura pública, a imagem poderá torna-se mais impactante dado o número de seguidores do mesmo.

Se pensarmos nas imagens geradas e publicadas, encontramos no *Google Earth* uma versão mais documentada, enquanto que no *Instagram* já ressoam fotografias com “experiências mais pessoais, autênticas, que narram o mundo de uma forma que resiste ao tempo e lugar representados por esforços maiores de documentação corporativa impessoal”⁸⁷. Estando organizadas de forma clara, de pesquisa rápida através dos elementos destacados, das identificações e dos *hashtag’s*, no caso da rede social.⁸⁸

A cartografia e o bilhete-postal não deixam de ter a sua importância na imagem de Braga, no entanto a sua pouca utilização torna-os ultrapassados e quase esquecidos. Com isto, se não olharmos apenas para os dias de hoje e para as práticas atuais, reparamos que a cartografia e o bilhete-postal foram elementos importantes para a história arquitetónica dos locais e edifícios retratados e identitários da cidade de Braga, entendemos o seu evoluir ao longo dos diferentes tempos cronológicos, e como estes foram representados e vividos. A nossa investigação procura conseguir obter a atual imagem da cidade de Braga, a partir da sua história e contemporaneidade, a partir de um complemento entre o passado (Mapas e Bilhetes-Postais) e o presente (*Google Earth* e *Instagram*). Na verdade, reparamos que muitos dos locais hoje observados e retratados nestas tecnologias mantêm-se os mesmos que foram retratados nas cartografias e nos bilhetes-postais há décadas.

Em suma, e tendo em conta o evoluir dos tempos podemos facilmente “viajar” em diversas escalas e locais em poucos segundos, através das tecnologias dos nossos dias e do evoluir das mesmas. Estas facilitam-nos a pesquisa e a observação da cidade de Braga, pela sua rápida e evoluída base de dados que se encontra em constante atualização a cada dia que passa.

Com isto, restará saber se o evoluir da representação da cidade se sobrepõe ao evoluir da própria cidade, e se ao pensarmos em imagem da cidade condicionamos ou estimulamos a própria cidade.

⁸⁷ Hochman, Nadav; Manovich, Lev. “Zooming into an Instagram City: Reading the local through social media”, volume 18, nº7, 1 de Julho de 2013. (Consultado em 6 de Março de 2019). Disponível em WWW: <URL: <https://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/4711/3698#10>

⁸⁸ Além disso, o modo de street view, no Google Earth, surge cada vez mais no âmbito político, académico e artístico sendo até pago para programas e processos culturais e visuais de espaço, como meio de publicidade para divulgar um elemento histórico e/ou patrimonial, ou comercial.

Referências

Araújo, Nuno Borges. *A Fotografia e o Postal Ilustrado: Origens e Influências*. Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade- Disponível em WWW: <URL: http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/2545/2455.

Bandeira, Miguel Melo. *A Paisagem urbana através dos Postais Ilustrados*. Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. 2011.

Bandeira, Miguel Melo; Oliveira, Eduardo Pires de; Nunes, Henrique Barreto. *Uma Imagem Inédita de Braga do Séc. XVII*. Universidade do Minho. 1997.

Bandeira, Miguel Sopas de Melo; Jorge, Filipe. *Braga vista do Céu*. Argumentum Edições. 2015.

Borges, Jorge Luís. *Del rigor de la Ciencia* (Suárez Miranda: Viajes de Varones Prudentes”, livro quatro capítulo XIV, Lérida, 1658) Disponível em WWW: <URL: <https://ciudadseva.com/texto/del-rigor-en-la-ciencia/>.

Lynch, Kevin. *A Imagem da Cidade*. Edições 70. 2014.

Martins, Moisés de Lemos. *Os Postais Ilustrados na Vida da Comunidade*. Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. 2017.

Oliveira, Eduardo Pires de Silva; Libório, Manuel. *Braga by André Soares*. Edições Centro Atlântico. 2014.

Panofsky, Erwin. *La Perspectiva como Forma Simbólica*. Fabula Tusquets Editores. 2005.

Passos, José Manuel da Silva. *O Bilhete-Postal Ilustrado e a História Urbana de Braga*. Editorial Caminho. 1996.

Santos, Joel. *Fotografia-Luz, Exposição, Composição, Equipamento*. Edições Centro Atlântico. 2010.

Artigos

Campkin, Ben; Roos, Rebecca, “Negotiating the city through Google Street View”, 2011.

D Boy, John; Uitermark, Justus. “Reassembling the city through Instagram”, in *Transactions of the Institute of British Geographers*, volume 42, edição 4. 2017. (Acesso em 1 de Março de 2019). Disponível em WWW: <URL: <https://rgs-ibg.onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/tran.12185>

Di Palma, Vittoria. “Zoom- Google Earth and Global Intimacy”, capítulo 12.

Hochman, Nadav; Manovich, Lev. “Zooming into an Instagram City: Reading the local through social media” in *First Monday peer-reviewed journal on the internet*, volume 18, nº7.

2013. (Acesso em 1 de Março de 2019). Disponível em WWW: <URL: <https://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/4711/3698#10>

Sítios web

André, Mário Rui. “O novo Google Earth é mais simples, bonito e educativo”. 2017. (<https://shifter.sapo.pt/2017/04/novo-google-earth-web/>). Acesso em: 29 de Dezembro de 2018.

Bacelar, Jonildo. “História da cartografia”. 2018. (<http://www.mapas-historicos.com/cartografia-historia.htm>) Acesso em: 31 de Dezembro de 2018.

Braga TV. “Braga nomeada para Melhor Destino Europeu 2019”. 2019. (<http://www.bragatv.pt/braga-nomeada-para-melhor-destino-europeu-2019/?fbclid=IwAR1yOmVyTkJileNq261RYwEvLWlbQvntXOcOGKgX6k7pPoeBmtw7wiu8rak>). Acesso em: 14 de Janeiro de 2019.

Conceito.de. “Conceito de Fotografia”. 2012. (<https://conceito.de/fotografia>). Acesso em: 19 de Novembro de 2018.

Construir Notícias. “A importância dos mapas e dos atlas”. 2018. (<http://www.construirnoticias.com.br/a-importancia-dos-mapas-e-dos-atlas/>). Acesso em: 31 de Dezembro de 2018.

“Enquadramento” (https://docs.qgis.org/2.8/pt_PT/docs/gentle_gis_introduction/map_production.html). Acesso em : 5 Janeiro 2019.

Encyclopedia Britannica. (<https://www.britannica.com/>)

Equipa Esto. “Ezra Stoller”. 2018 (<http://ezrastoller.com/biography>). Acesso em: 27 de Dezembro de 2018.

Federação Portuguesa de Orientação. “Legenda de um Mapa”. 2018. (http://www.fpo.pt/o_que_e/mapas_legenda.html). Acesso em: 2 de Janeiro de 2019.

“Fototipia” (<http://www.tipografos.net/fotografia/fototipia.html>). Acesso em 12 de Abril de 2019.

Instituto Geográfico Português. “6.4.3- Plantas de outras Cidades (CA 385)”. 2018 (http://www.dgterritorio.pt/museuvirtual/MV_2011/Catalog%20G%20Mendes/Cap6-4.pdf). Acesso em: 8 de Novembro de 2018.

Município de Braga. “Plano Diretor Municipal”. 2015. (<http://pdmbraga.cm-braga.pt/index.php/pdm>). Acesso em: 8 de Novembro de 2018.

Pena, Rodolfo F. Alves. “Importância dos mapas”. 2018. (<https://alunosonline.uol.com.br/geografia/importancia-dos-mapas.html>). Acesso em: 31 de Dezembro de 2018.

Priberam Dicionário. (<https://dicionario.priberam.org/>)

Serrão, Vitor. “Obra recebidas na Biblioteca da Ajuda: estudo e publicação de fontes”. 2014. (<http://bibliotecadaajuda.blogspot.com/2014/07/obra-recebidas-na-biblioteca-da-ajuda.html>). Acesso em: 6 de Novembro de 2018.

Wikipédia. (<https://www.wikipedia.org/>)

de Melo Bandeira

(195...) (postal 206)



Vista da Fábrica Saboaria e Perfumaria Confiança-Braga
(193...) (postal 221)



Braga-Prça da República
(193...) (postal 157)



Portugal-Braga-Templos do Hospital e St.ª Cruz (193...) (postal 80)



Planta da Cidade de Braga
(1868) Engenheiro Joaquim Pereira da Cruz



Planta da Cidade de Braga
(1854) Belchior José Garcez e Miguel Baptista Maciel



Mapa de Braga (1693)
Autor desconhecido

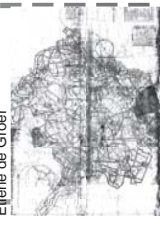


Mapa de Braunio (1594)
Georg Braun



Mapa da Cidade de Braga
Primas (1755) André Soares da Silva

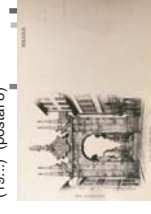
Plan D'Aménagement D'Extension de Braga
Etlene de Groer



Braga-Casa existente na rua de S. Marcos (roturas e afútes do sec.XVII) (19...) (postal 81)



Braga-Arco da Porta Nova
(19...) (postal 8)



(PORTUGAL)

Braga-Arcada, centro da cidade (2018) (postal 297)



Braga-Portugal (2018)
(postal 305)



Mapa Turístico de Braga
(2018) Câmara Municipal de Braga



1600

1700

1800

1900

2000

2019



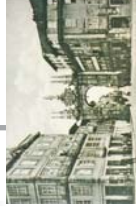
BRAGA-PORTUGAL S.ª Catedral (2017)
(postal 294)



Mapa da Cidade de Braga
(1968) Tecalo



Portugal-Braga-Avenida Central (191...) (postal 172)



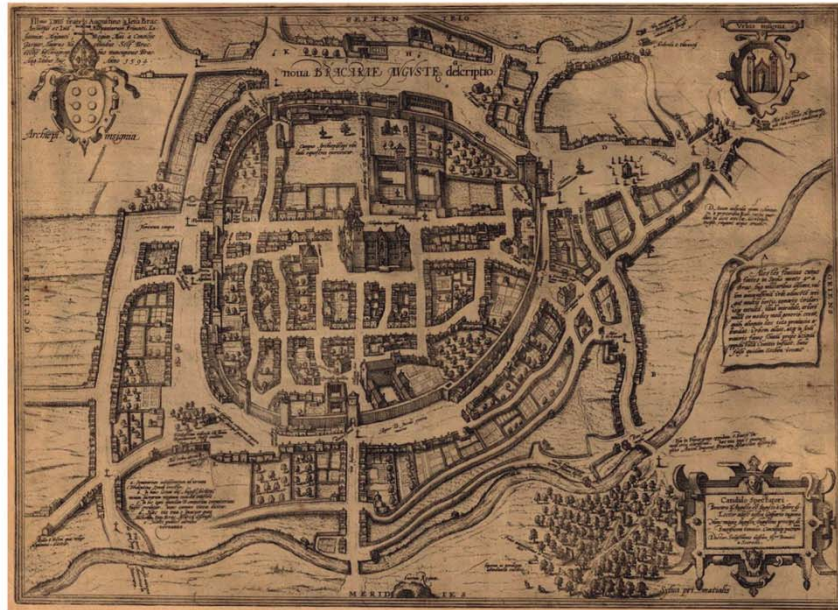
Braga-Arco da Porta Nova
(192...) (postal 12)



PDM (2013) Câmara Municipal de Braga



Mapa de Braunio (1594), Georg Braun



Mapa de Braga (1693), autor desconhecido

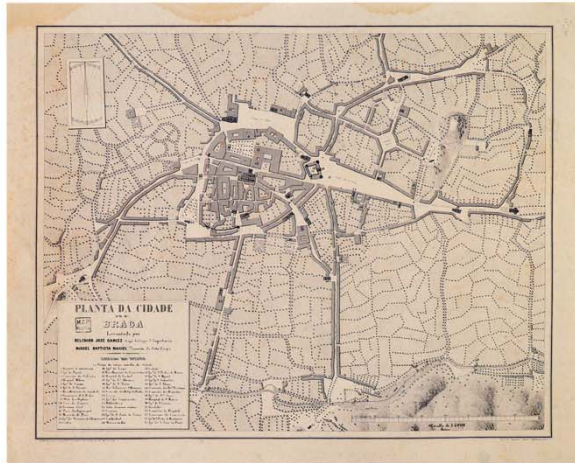


Mapa da Cidade de Braga Primas (1755),
André Soares da Silva



Anexo 2- Mapas do século XVI, XVII, XVIII (Elsa Gonçalves)

Planta da Cidade de Braga (1854), Belchior José Garcez e Miguel Baptista Maciel



Braga Ptoresca ou a Verdadeira Cymtra do Norte (1858), Joaquim Silva P. Caldas



Planta da Cidade de Braga (1868), Eng. Joaquim Pereira da Cruz

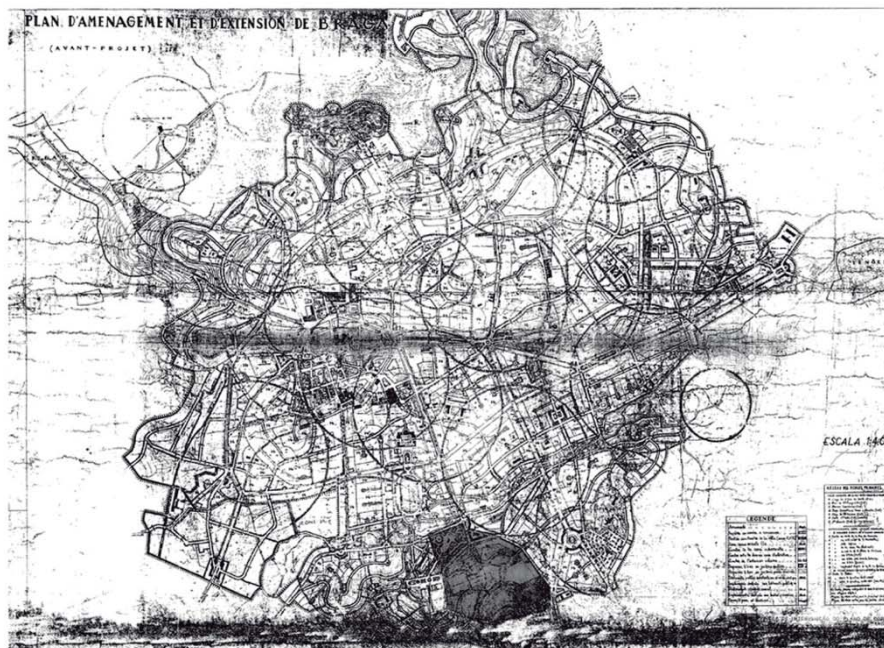


Planta Topografica da Cidade de Braga (1884), Goullard



Anexo 3- Mapas do século XIX (Elsa Gonçalves)

Plan D'Amenagement D'Extension de Braga (1946), Etienne de Groer

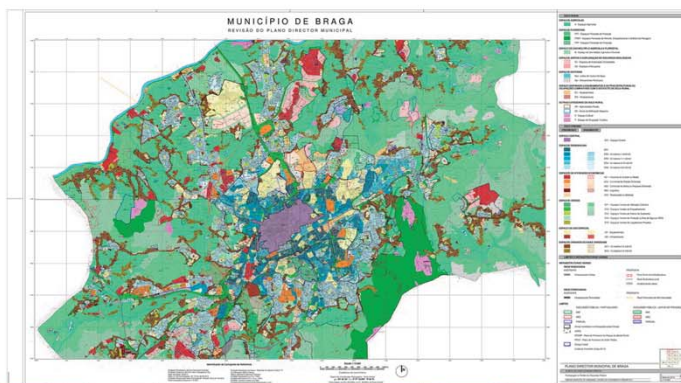


Mapa da Cidade de Braga (1968), Tecafo



Anexo 4- Mapas do século XX (Elsa Gonçalves)

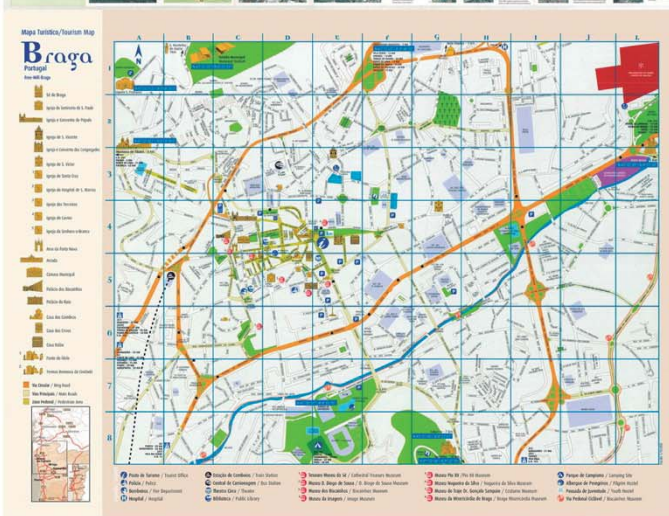
Plano Diretor Municipal (PDM) (2013),
Câmara Municipal de Braga



Mapa de Arquitetura de Braga (2014), Maria Manuel Oliveira, Rosália Dias, Miguel de Melo Bandeira



Mapa Turístico de Braga (2018), Autor desconhecido



Anexo 5-Mapas do século XXI (Elsa Gonçalves)





142

141

140

139

138

137

136

135

134

153

152

151

150

149

148

147

146

145

165

164

163

162

161

160

159

158

157

177

176

175

174

173

172

171

170

169

189

188

187

186

185

184

183

182

181

201

200

199

198

197

196

195

194



Anexo 7-Bilhetes-Postais que retratam o edificado da cidade de Braga, ano de edição 19... (Elsa Gonçalves)



Anexo 7. 1-Bilhetes-Postais que retratam os locais da cidade de Braga, ano de edição de 19... (Elsa Gonçalves)



Anexo 8-Bilhetes-Postais que retratam o edificado da cidade de Braga, ano de edição 191... (Elsa Gonçalves)

t



Anexo 8.1- Bilhetes-Postais que retratam os locais da cidade de Braga, ano de edição de 191... (Elsa Gonçalves)



Anexo 9-Bilhetes-Postais que retratam o edificado da cidade de Braga, ano de edição 192... (Elsa Gonçalves)



Anexo 9. 1- Bilhetes-Postais que retratam os locais da cidade de Braga, ano de edição de 192... (Elsa Gonçalves)



Anexo 10. 1-Bilhetes-Postais que retratam os locais da cidade de Braga, ano de edição de 193... (Elsa Gonçalves)



Anexo 11-Bilhetes-Postais que retratam o edificado da cidade de Braga, ano de edição 194... (Elsa Gonçalves)



Anexo 11. 1-Bilhetes-Postais que retratam os locais da cidade de Braga, ano de edição de 194... (Elsa Gonçalves)



Anexo 12-Bilhetes-Postais que retratam o edificado da cidade de Braga, ano de edição 195... (Elsa Gonçalves)



Anexo 12. 1-Bilhetes-Postais que retratam os locais da cidade de Braga, ano de edição de 195... (Elsa Gonçalves)



Anexo 13- Bilhetes-Postais comercializados nas lojas de lembranças da cidade de Braga em 2018 (Elsa Gonçalves)